



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**Centro de Educação e Humanidades**  
**Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira**  
**Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica**

Priscila Gabriel Gonçalves e Sá

**‘A GENTE’ ERA FELIZ E NÃO SABIA... É POSSÍVEL SAIR DA ZONA  
DE CONFORTO DE MANEIRA ABRUPTA E AINDA DAR LUGAR A  
UM NOVO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DIDÁTICA?**

Rio de Janeiro

2024

Priscila Gabriel Gonçalves e Sá

**‘A GENTE’ ERA FELIZ E NÃO SABIA... É POSSÍVEL SAIR DA ZONA DE  
CONFORTO DE MANEIRA ABRUPTA E AINDA DAR LUGAR A UM NOVO  
PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DIDÁTICA?**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Educação Básica – PPGEB – Mestrado Profissional, Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp – UERJ. Linha de Pesquisa: Ensino Fundamental I.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Hernandez Barreiros Sonco

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CAP/A

S111 Sá, Priscila Gabriel Gonçalves e

‘A gente’ era feliz e não sabia... é possível sair da zona de conforto de maneira abrupta e ainda dar lugar a um novo processo de construção didática? / Priscila Gabriel Gonçalves e Sá - 2024.  
101 f.: il.

Orientador: Claudia Hemandez Barreiros Sonco.

Dissertação (Mestrado) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. CAP/UERJ.

1. Educação básica - Teses. 2. Pandemia - Teses. 3. Desigualdade social - Teses. I. Sonco, Claudia Hemandez Barreiros. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. CAP/UERJ. III. Título.

CDU 37-053.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese/dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Priscila Gabriel Gonçalves e Sá

**‘A gente’ era feliz e não sabia... é possível sair da zona de conforto de maneira abrupta e ainda dar lugar a um novo processo de construção didática?**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Educação Básica – PPGEB – Mestrado Profissional, Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – Cap – UERJ. Linha de Pesquisa: Ensino Fundamental I.

**Aprovada em 16 de fevereiro de 2024.**

**Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Hernandez Barreiros Sonco(Orientadora)  
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – Cap-UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jonê Carla Baião  
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – Cap-UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Paula Legey de Siqueira  
Unicarioca

Rio de Janeiro

2024

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta dissertação aos incansáveis professores e professoras que, de modo muito especial, fizeram de tudo um pouco para garantir que alunos e alunas tivessem um vínculo com as escolas, da melhor maneira possível, no período de pandemia.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus. Por Ele chegamos aqui com saúde, após uma pandemia que, infelizmente, deixou muito luto. Sem Ele não chegaríamos vivos, nem com a mente sã. A fé realmente remove montanhas e nos protege do medo.

Agradeço, também, aos meus pais que, sem sombra de dúvidas, são meus maiores incentivadores. Se eu tenho fãs na vida, esses se chamam Lidia e Rubens. Por falar neles, preciso agradecer imensamente à minha mãe por ter lido cada linha desta dissertação nas várias vezes que eu pedi.

Gratidão especial ao meu marido, Fábio, que me apoiou durante a caminhada do Mestrado, me dizendo que tudo ia dar certo e que “já ia acabar”.

Muito obrigada aos meus maiores tesouros, meus três filhos: Guilherme, Beatriz e Júlia, que precisaram entender que mãe também estuda e precisa de tempo para isso. A todo tempo me viram com livros na mão, computador no colo e uma infinidade de palavras para escrever.

A todos os alunos e professores que passaram (e passam até hoje!) por minha vida profissional, que tanto me ensinaram, me fazendo querer ser uma pessoa melhor a cada dia.

À minha orientadora, Claudia, por confiar no meu trabalho e na minha capacidade de conseguir terminar a pesquisa, mesmo em meio a tantas atividades nossas.

Aos meus colegas do Mestrado, que surtaram junto comigo, mas que sempre acreditaram e demonstraram, com palavras e ações, que juntos somos mais fortes.

Às professoras participantes desta pesquisa, por me acolherem muito bem e aceitarem falar de um período tão diferente de suas vidas profissionais, mesmo com tantos compromissos em suas agendas.

Aos membros da banca avaliadora, que de forma especial e em momentos distintos, demonstraram incentivo, parceria e credibilidade no trabalho.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para esta pesquisa e minha formação acadêmica, meu muito obrigada!

*Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais.*

Rubem Alves

## RESUMO

SÁ, Priscila Gabriel Gonçalves e. 'A gente' era feliz e não sabia... é possível sair da zona de conforto de maneira abrupta e ainda dar lugar a um novo processo de construção didática? 2024. 101 f. Dissertação em Educação Básica – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, CAP UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

A presente pesquisa procurou investigar os efeitos da pandemia no mundo educacional, estudando diversos aspectos, principalmente a questão profissional – professor mediador – e o processo de ensino-aprendizagem como um todo. O estudo ocorreu a partir de entrevistas com professores atuantes em escolas públicas e privadas, na Educação Básica no município do Rio de Janeiro, em turmas do quarto ao sexto ano. O estudo traz uma reflexão do contexto educacional pré-pandêmico, para abordar, comparativamente, o pós, entendendo como se deu a vivência de um período complicado em questões sociais, emocionais, pessoais e profissionais em todos os âmbitos da sociedade brasileira. A pesquisa de campo baseou-se em alguns questionamentos fundamentais: Qual o papel do professor no período pós-pandêmico, diante das muitas adversidades que estão presentes e precisam ser conduzidas? Este professor, que precisa lidar com grandes desafios, está preparado física e emocionalmente após tantas turbulências? Depois da pandemia, qual o principal ganho para o mundo educacional? E mais: em que pontos as diferenças sociais foram mais afetadas e acentuadas? Precisamos pensar na construção de uma nova didática? Em meio a tantos medos, a pesquisa buscou proporcionar aos educadores momentos de reflexão para a necessidade de construir novas pontes que levem à construção de uma educação libertadora, capaz de superar os limites impostos. Os resultados obtidos na pesquisa permitem perceber que a formação inicial e continuada tornam-se indispensáveis para viver a educação das novas gerações. O estudo gerou, como produto educacional, um livro com caráter memorialístico interativo, que não apenas conta uma história, mas também envolve e conecta os leitores de maneiras inovadoras e significativas.

**Palavras-chave:** Pandemia. Temporalidade. Desigualdades Sociais.

## ABSTRACT

SÁ, Priscila Gabriel Gonçalves e. 'We were happy and didn't know... is it possible to leave the comfort zone abruptly and still give way to a new process of didactic construction?2024. 101 f. Dissertação em Educação Básica – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Cap UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

The present research sought to investigate the effects of the pandemic on the educational world, studying several aspects, especially the professional issue – teacher mediator – and the teaching-learning process as a whole. The study was based on interviews with teachers working in public and private schools, in Basic Education in the city of Rio de Janeiro, in classes from the fourth to the sixth grade. The study brings a reflection of the pre-pandemic educational context, to address, comparatively, the post-pandemic, understanding how the experience of a complicated period in social, emotional, personal and professional issues in all areas of Brazilian society took place. The field research was based on some fundamental questions: What is the role of the teacher in the post-pandemic period, in the face of the many adversities that are present and need to be conducted? Is this teacher, who has to deal with great challenges, prepared physically and emotionally after so much turbulence? After the pandemic, what is the main gain for the educational world? What's more, at what points were social differences most affected and accentuated? Do we need to think about the construction of a new didactics? In the midst of so many fears, the research sought to provide educators with moments of reflection on the need to build new bridges that lead to the construction of a liberating education, capable of overcoming the limits imposed. The results obtained in the research allow us to perceive that initial and continuing education become indispensable for the life and education of the new generations. The study generated, as an educational product, a book with an interactive memoir, which not only tells a story, but also engages and connects readers in innovative and meaningful ways.

**Keywords:** Pandemic. Temporality. Social Inequalities.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Imagem com frase motivacional	18
Figura 2	Personagem Mafalda	20
Figura 3	Nuvem de palavras	22
Figura 4	A família Jetsons e suas tecnologias atemporais	26
Figura 5	Desigualdade social	32
Figura 6	Uso do celular nas escolas	34
Figura 7	Aula e prova online x presencial	37
Figura 8	Capa do Le Monde Diplomatique Brasil	37
Figura 9	Desafios: expectativa x realidade	39
Figura 10	Fim da pandemia de COVID-19	40
Figura 11	Números oficiais da COVID-19 no Brasil	41
Figura 12	Personagem Mafalda e Terra “doente”	44
Figura 13	Representação imagética de Chronos e Kairós	51
Figura 14	O coelho e seu relógio – Alice no país das maravilhas	53
Figura 15	A persistência da memória - Salvador Dalí	54
Figura 16	Infográfico das gerações	68
Figura 17	Meme da internet	72
Figura 18	A Fênix	89

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Perfil dos professores participantes da pesquisa	24
Quadro 2	Pandemias anteriores	27

## LISTA DE SIGLAS

ABEB	Anuário Brasileiro da Educação Básica
CONASS	Conselho Nacional de Secretários de Saúde
COVID-19	Coronavirus Disease
GET	Ginásio Experimental Tecnológico
OMS	Organização Mundial de Saúde
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
1.1 O ENCONTRO DA PESQUISADORA COM O OBJETO DE PESQUISA .....	18
1.2 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA .....	21
<b>2 HISTORICIDADE DA PANDEMIA</b> .....	<b>25</b>
2.1 VISLUMBRANDO O FUTURO .....	25
2.2 O QUE CARACTERIZA PANDEMIA/PANDEMIAS ANTERIORES .....	26
2.3 A COVID-19 ANO A ANO .....	28
<b>2.3.1 O ano de 2020</b> .....	<b>29</b>
2.3.1.1 E a escola, nesse parâmetro de caos? Onde ficou? .....	30
<b>2.3.2 O ano de 2021</b> .....	<b>34</b>
2.3.2.1 E a escola, como ficou? .....	35
<b>2.3.3 O ano de 2022</b> .....	<b>37</b>
2.3.3.1 E a escola, como ficou? .....	38
<b>2.3.4 O ano de 2023</b> .....	<b>39</b>
2.4 PANDEMIA E MUDANÇA SOCIAL: POSSIBILIDADE REAL OU PURA ILUSÃO? .....	41
2.5 PROFESSORES E PANDEMIA DE COVID-19 .....	44
<b>3 TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO</b> .....	<b>47</b>
3.1 CONCEITO DE TEMPO .....	47
3.2 TEMPO PERDIDO? UMA ANALOGIA A CHRONOS E KAIRÓS .....	49
3.3 RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO, EDUCADORES E TEMPO .....	52
3.4 E O QUE A PANDEMIA TEM A VER COM O TEMPO? .....	54
<b>4 MAS SEMPRE FOI ASSIM!</b> .....	<b>58</b>
4.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL E NO MUNDO .....	58
4.2 A FAMOSA ZONA DE CONFORTO .....	60
4.3 MUDANÇAS/METAMORFOSE NA ESCOLA – UTOPIA OU NECESSIDADE? .....	61
4.4 BEM-ESTAR NAS ESCOLAS .....	63
<b>5 O DESAFIADOR PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA ATUALIDADE</b> .....	<b>66</b>
5.1 CONTEMPORANEIDADE .....	66

5.2 UM PASSEIO PELAS GERAÇÕES .....	68
5.3 TECNOLOGIA .....	70
<b>5.3.1 Tecnologia, Escolas e Pandemia .....</b>	<b>70</b>
<b>5.3.2 Geração Zapiens: Uso das Telas e Uso de celulares nas escolas ....</b>	<b>74</b>
<b>6 A PESQUISA E SUAS REFLEXÕES .....</b>	<b>77</b>
6.1 SOBRE OS MAIORES DESAFIOS DA PROFISSÃO .....	78
6.2 SOBRE A NECESSIDADE DE NOVO OLHAR PARA O PAPEL DA ESCOLA E DO EDUCADOR .....	78
6.3 SOBRE A IMPORTÂNCIA DA REDE E DO TRABALHO COLABORATIVO ...	79
6.4 SOBRE A FORMAÇÃO .....	81
6.5 SOBRE LEITURA E ESCRITA .....	82
6.6 SOBRE O AFETO .....	83
<b>7 O PRODUTO EDUCACIONAL .....</b>	<b>84</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>95</b>

## INTRODUÇÃO

13 de março de 2020. Era uma sexta-feira. Nunca foi tão real essa superstição de que “sexta-feira 13 é sinal de mau presságio”. Naquele momento tudo era possível. Naquele dia fatídico...

Ouçó a diretora da escola pública em que trabalho falando que a TV mostra, incessantemente, que as escolas devem fechar. Burburinhos de professores enquanto alunos continuam nas aulas, como se nada soubessem (e realmente ninguém, naquele dia, sabia que rumo o mundo ia tomar).

Final do dia... fica estabelecido o fechamento temporário das escolas. Despedimo-nos como se daqui a alguns dias fôssemos poder nos encontrar novamente.

E foi assim que tudo começou...

Estávamos diante de um vírus avassalador e não sabíamos quase nada sobre ele. Somente que estava matando, e muito, pessoas ao redor do mundo todo.

Pandemia declarada. Não era mais possível sairmos de casa com liberdade. Abraços, beijos e apertos de mão também estavam proibidos. Espaços públicos e privados fechados. Medo, insegurança, luto, caos.

Os dias foram passando e começamos a perceber que o vírus invisível era capaz de destruir a humanidade. Enquanto isso, a natureza seguia ilesa. O vírus não mata animais, plantas ou qualquer outro ser vivo, ele mata somente seres humanos.

Deveríamos nós, vendo essa realidade acontecer diante de nossos olhos, adquirir algum novo conhecimento? Será que seria possível aprender frente ao desespero real que se impunha, sem que nada pudéssemos fazer?

A sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário. Desde pequenos, aprendemos que há listas de espécies em extinção. Enquanto que estas listas aumentam, os humanos proliferam, destruindo florestas, rios e animais [...] Agora esse organismo, o vírus, parece ter se cansado da gente, parece querer se divorciar da gente, como a humanidade quis se divorciar da natureza. (KRENAK, 2020a, p. 6-7).

Assim, um mês terminou, outro começou, e fomos vivendo o isolamento da maneira que pudemos. Muitas vezes, vendo familiares e amigos morrendo, sem sequer podermos nos despedir pela última vez.

A esperança na ciência é posta, mas a cada dia, muitas mortes pelo vírus eram confirmadas. Fomos entendendo, diante disto, o fato de que aquela realidade ainda duraria por muito tempo. Fomos entendendo, aos poucos, que a vida como sempre foi... poderia não voltar tão cedo.

Diante destes fatos, a presente dissertação vem caracterizar e contextualizar a COVID-19 e seus reflexos em diferentes áreas, mais precisamente, na área educacional.

Além disso, tratam-se, aqui, de (muitas!) incertezas. Algumas que, ao longo destes dois/três anos, puderam tornar-se certezas; outras que continuam configuradas em um grande ponto de interrogação. Trago para mim as palavras de Santos, quando expõe sua percepção de escrever em tempo real sobre as ocorrências da 'vida pandêmica':

Escrever sobre a pandemia enquanto ela ocorria significou que o livro me foi escrevendo à medida que eu o ia escrevendo. Escrevemo-nos um ao outro, o que não admira porque os temas [...] além de novos, tocavam os limites das incertezas existenciais que avassalavam tanto o sociólogo como o cidadão (2020, p. 15).

Posto o grande desafio de escrita dinâmica, a dissertação traz relevantes reflexões acerca do que vem a ser pandemia, bem como pontua pandemias anteriores, logo no capítulo dois. Além disso, traz o conceito de tempo e sua relação com a educação no capítulo três e apresenta, no capítulo quatro, o desafio do processo de ensino aprendizagem nas atuais gerações. Tudo envolto pela importância da formação de professores, inicial e continuada, ligada diretamente ao desenvolvimento de todos os processos.

A necessidade de reinvenção do espaço escolar torna-se real e imposta a partir do fechamento das escolas. Ela já estava prevista e vinha sendo estudada e discutida por vários estudiosos acadêmicos. Mas, e depois do caos? Será possível desmontarmos o todo já construído há tanto tempo e nos reconstruirmos, depois dos cacos em que nos transformamos neste período? A tecnologia invade nossas vidas mais do que nunca. Se já éramos dependentes dela... ficamos, agora, ainda mais. Será coincidência a palavra 'usuário' ser usada para internet e drogas? Provavelmente não. Porém, neste momento, não podemos fugir disso. Muito pelo contrário: para nossa vida seguir um dito "novo normal" estaremos numa

dependência cibernética<sup>1</sup> maior ainda. Este tema fundamental está tratado no capítulo cinco.

A presente pesquisa justifica-se na necessidade de investigar/pesquisar os efeitos da pandemia no mundo educacional, visando estudar diversos aspectos, como a questão profissional – professor mediador – e o processo de ensino-aprendizagem como um todo.

Pretendeu-se, também, observar os desafios enfrentados pelos sujeitos atuantes em escolas de diferentes realidades e atuar na construção de reflexões a respeito de uma didática que promova trabalhos mais conscientes e criativos, apesar de todos os desafios que têm sido enfrentados e os que ainda estão por vir.

O estudo traz uma reflexão do contexto educacional pré-pandêmico, para abordar, comparativamente, o pós, entendendo como se deu a vivência de um período complicado em questões sociais, emocionais, pessoais e profissionais em todos os âmbitos da sociedade brasileira.

A questão da lógica educacional atual também é investigada, para levantamento real de hipóteses que levem os educadores à construção de uma didática mais efetiva na formação de educandos com pensamento crítico, consciente e participativo da sociedade.

Por fim, a pesquisa traz para pauta de discussão os frutos da pandemia no mundo educacional: o que mudou? O que continuou? Pontos positivos e negativos? E o professor, teve seu papel, de alguma maneira, modificado? Esses pontos estão contextualizados ao longo de toda a dissertação e, também, no capítulo seis.

O ensino híbrido veio para ficar. E é necessário que façamos alguma intervenção prática para que as diferenças não fiquem mais evidentes e não prejudiquem toda uma população cidadã futura.

Híbrido significa misturado, mesclado, blended. [...] A educação é híbrida também porque acontece no contexto de uma sociedade imperfeita, contraditória em suas políticas e em seus modelos, entre os ideais afirmados e as práticas efetuadas; muitas das competências socioemocionais e valores apregoados não são coerentes com o comportamento cotidiano de uma parte dos gestores, docentes, alunos e famílias (BACICH; TREVISAN, 2015, p. 27).

---

<sup>1</sup> Dependência cibernética diz respeito à internet-dependência: pessoas acabam tendo suas vidas (pessoal, profissional e sentimental) afetadas pela permanência fora do limite na internet, com exagero.

Escuto muitos professores dizendo que “a gente era feliz e não sabia”. Será? Não adianta, agora, sentarmos e chorarmos. Cabe-nos um papel maior ainda neste mundo educacional pandêmico e pós-pandêmico: “[...] motivar, inspirar e entusiasmar os alunos, criando condições para que eles estejam dispostos a aprender [...]” (ROBINSON; ARONICA, 2019, p. 97).

E, no fim das contas, ou no início dessa nova “era” precisamos mesmo é de esperanças, como já dizia nosso Mestre Paulo Freire. E foi dessa maneira que comecei este estudo: com esperança de que podemos mudar mesmo em meio ao caos que se instalou em nossas vidas. Utopia? Possivelmente. Mas a frase que eu ainda mais me apego é “quem acredita sempre alcança”.

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar diante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo [...] (FREIRE, 1992, p. 110-111.).

Esta pesquisa é escrita de professor para professor. É um trabalho acadêmico, sim. Mas também é um texto de quem vive todos os dias a realidade do que é ser uma professora em escola pública e privada no Brasil, mais precisamente no município do Rio de Janeiro. É nesse sentido que nasce o produto educacional, explicado no capítulo sete.

Aprendamos a amar nossos piores dias e, assim, deixaremos de ser aqueles que só falam que “a gente” era feliz e não sabia e passaremos a ser efetivos agentes de transformação (Figura 1). A coletividade e a cooperação tornam-se fundamentais neste processo de construção do NÓS. Ninguém consegue sozinho e esse período nos provou isso.

Figura 1 – Imagem com frase motivacional.



Fonte: Pinterest, [s.d.].

## 1.1 O ENCONTRO DA PESQUISADORA COM O OBJETO DE PESQUISA



Epitáfio - Titãs

### **Epitáfio**

*Devia ter amado mais  
Ter chorado mais*

*Ter visto o sol nascer  
Devia ter arriscado mais  
E até errado mais  
Ter feito o que eu queria fazer*

*Queria ter aceitado  
As pessoas como elas são  
Cada um sabe a alegria  
E a dor que traz no coração*

*O acaso vai me proteger  
Enquanto eu andar distraído  
O acaso vai me proteger  
Enquanto eu andar*

*Devia ter complicado menos  
Trabalhado menos  
Ter visto o sol se pôr  
Devia ter me importado menos  
Com problemas pequenos*

*Ter morrido de amor*

*Queria ter aceitado  
A vida como ela é  
A cada um cabe alegrias  
E a tristeza que vier*

*Titãs*

Serendipidades<sup>2</sup>. Às vezes, as ideias surgem do inesperado... Contextos turbulentos geram uma grande vontade de superação. Em meio a desafios e muito trabalho, o importante mesmo é não deixarmos a vontade de sair correndo (que apareceu muitas e muitas vezes) vencer. O acaso já me trouxe boas surpresas, então por que não encontrá-las novamente?

Eu sou feita de afetos. Afetos por todos os lados: pessoal, profissional... Geralmente as pessoas, os fatos e acontecimentos... me afetam! E é nesse sentido que surge esse projeto de pesquisa. Estamos vivendo um período de muitos medos, dúvidas e incertezas desde que nos deparamos com uma pandemia. Algo totalmente inesperado, que chegou como um furacão para bagunçar as nossas vidas.

Acredito muito que tudo tem um tempo certo para acontecer para cada indivíduo. Sempre amei estudar, mas a correria do dia a dia, muitas vezes, me impedia de dar continuidade nos estudos como deveria. Mesmo assim, foram inúmeros cursos e atualizações profissionais, visto que professor, para ser professor, precisa estudar e pesquisar sempre!

Com a pandemia decretada fui, assim como muitas pessoas, obrigada a ficar em casa. Eu nunca imaginei que algo assim pudesse acontecer, pois sempre trabalhei em duas escolas e ficava o dia inteiro fora de casa. Com isso, uma reviravolta passou à minha cabeça: o que fazer com tanto tempo dentro de casa? Como lidar? Como trabalhar e ser mãe, esposa e dona de casa 24h por dia? Foram muitos os 'contras' desta situação, mas apeguei-me, infinitamente mais, aos prós que chegaram em meio ao caos. Estando em casa, voltei a estudar e dediquei-me inteiramente (talvez não tanto, devido às multitarefas diárias) ao foco de passar no Mestrado. Sonho antigo... mas com o tempo corrido do dia... o sonho estava distante!

---

<sup>2</sup> Serendipidade. Aquilo que acontece ou é descoberto por acaso, de modo imprevisto, inesperado. Etimologia (origem da palavra serendipidade). Do inglês *serendipity* 'ato de descobrir coisas boas por acaso'.

Costumo tentar achar as coisas positivas dentro das negativas, pois não há mal que perdure quando somos seres otimistas. Assim, começo a pensar em um tema de pesquisa. Chego à conclusão que gostaria de escrever sobre algo diferente, pois fazer mais do mesmo nunca foi meu forte.

Penso, reflito... e escolho escrever sobre este tempo, no mínimo esquisito, que todos nós, professores, estamos vivendo. A intenção é, pois, deixar registrado como aconteceu, como vivemos e sobrevivemos a tantas mudanças impostas. E como, sim, isso pode ser positivo para a Educação Brasileira. Bom, cansativo é, e muito, viver em um livro de História do futuro! É assim que estaremos retratados daqui a algum tempo, como bem diz uma personagem muito conhecida: Mafalda é argentina, tem imagem de menina baixinha com cabelos amarrados num laço de fita. Ela é sempre cheia de opiniões e dúvidas sobre a sociedade em que vivemos. Mafalda é muito preocupada com o futuro dos seres humanos e do mundo como um todo e sempre nos leva a importantes reflexões (Figura 2).

Figura 2 – Personagem Mafalda



Fonte: Richieri, 2019.

Desde o ano 2000, quando me formei professora no antigo Curso Normal (Magistério Nível Médio), comecei a trabalhar em duas escolas, sempre com realidades bem distintas: pública e privada. Junto disso, cursei Pedagogia na UERJ. A vida foi passando tão rápido, hoje sou esposa há vinte anos e tenho três filhos lindos. Sim, sou mãe coruja também. Cuidar de casa, de filhos e de marido nunca foi tarefa fácil, mas durante a pandemia os desafios ficaram ainda maiores. Comecei o curso de Mestrado, primeiro como aluna especial, e hoje estou aqui, finalizando a dissertação com uma pesquisa tão forte. E é assim que julgo esta pesquisa: FORTE.

Minha experiência docente de chão de escola me fez chegar à coordenação de uma equipe de Ensino Fundamental Anos Iniciais em escola privada. E é nesse contexto que começa a pesquisa, com uma vivência real, tensa e desafiadora demais: professora de Sala de Leitura na escola pública, em turmas de primeiro ao nono ano, coordenadora pedagógica na escola privada, em turmas de primeiro ao quinto ano, mãe de três (sendo a caçula em fase de alfabetização no ano inicial da pandemia), mestranda, tutora, consultora pedagógica, pesquisadora, entre tantas outras funções “não anunciadas”, talvez invisibilizadas, como ter tarefas domésticas que nunca acabam. São tantas Priscilas dentro de uma só, que às vezes nem eu mesma sei quem sou. Sigo tentando ser uma pessoa melhor a cada dia e isso reflete no meu mundo profissional e, também, acadêmico, a partir do momento que escrevo e vivo tudo isso ao mesmo tempo.

## 1.2 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

A presente pesquisa reuniu professores de diferentes realidades educacionais, isto é, de escolas públicas e privadas do município do Rio de Janeiro. Os sujeitos atuam no Ensino Fundamental 1 e/ou 2, em turmas de 4º ao 6º anos. Este recorte específico foi feito levando em consideração que os educandos das referidas turmas viveram o período de alfabetização ocorrido na fase pandêmica.

Foram realizados encontros virtuais e/ou presenciais, com duração aproximada de uma hora, por um período de um mês, onde os dados foram coletados através de entrevista.

Sobre as entrevistas, Duarte (2008, p. 62) descreve como sendo “[...] um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer [...]”.

O roteiro foi elaborado de maneira flexível e teve perguntas abertas e fechadas. A entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” (RIVIÑOS, 1987, p. 152), além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

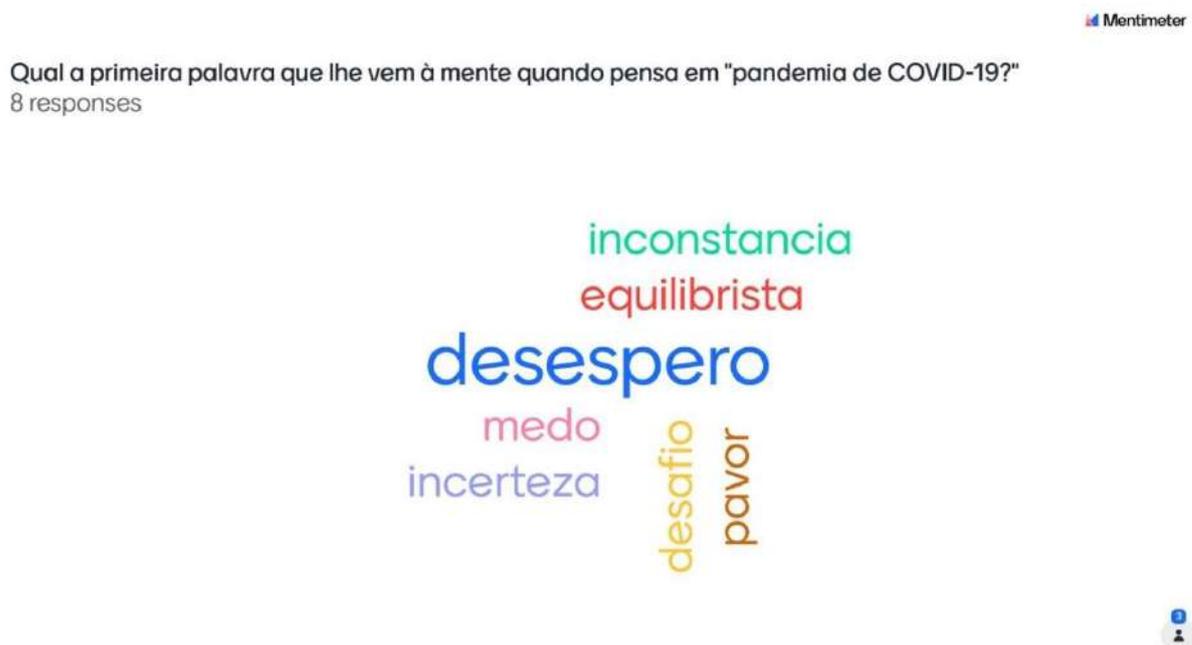
Para a realização desta pesquisa foram necessários encontros virtuais e/ou presenciais para entrevistar os oito professores das redes pública e privada. A princípio, o número total estimado era de dez, porém por conta da demanda do tempo foi necessária a redução. Optei por realizar as entrevistas em ambientes fora das escolas, para que os professores ficassem bem à vontade para dizer o que realmente vivem, sentem e pensam sobre os temas em investigação. De acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice C), as identidades dos participantes foram mantidas em sigilo, para que não houvesse qualquer tipo de constrangimento.

A entrevista foi dividida em seções, as quais foram realizadas pelos professores aos poucos, devido ao curto espaço de tempo disponível para a conversa.

Na primeira seção, os participantes receberam o termo de consentimento para participação na pesquisa e na segunda os dados gerais foram coletados (Tabela 1).

A seção três abordou conhecimentos e experiências prévias em relação aos temas da pesquisa. Logo no início desta sessão, uma pergunta foi feita e gerou a nuvem de palavras no site “Mentimeter” (Figura 3).

Figura 3 – Nuvem de palavras.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Assim, de acordo com as referidas palavras, já podemos perceber o teor de toda a entrevista. Os oito professores, sem exceção, falaram em um forte tom de temor. A nuvem de palavras, gerada na pesquisa, foi formada por ideias de diferentes pessoas.

A cada repetição, a palavra fica esteticamente maior. Percebe-se na nuvem da pesquisa que a palavra “desespero” fica em evidência e que muitas das outras têm ligação direta com ela.

[...] o período da pandemia exigiu de mim a habilidade de manter as demandas que já tinha e as novas em equilíbrio [...] A pandemia nos desafiou a ter que adaptar o ensino para os alunos de diversas formas, até as que não éramos familiarizados. (**Professora 3**).

Ao longo dos capítulos desta dissertação, as falas dos professores entrevistados foram inseridas de maneira a dialogar com o texto.

Foi realizada uma criteriosa análise das produções escritas sobre o tema da pesquisa, bem como de vídeos e *lives*, que foram muito comuns durante o período pandêmico e perduram até o momento. Importante ressaltar que, como o tema é muito atual e ainda está ocorrendo, a revisão de literatura torna-se mais desafiadora, mas não por isso menos interessante e eficaz.

Considerando que a metodologia é um eixo fundamental da investigação, o caminho que precisa ser desenvolvido e percorrido durante o processo de pesquisa, torna-se necessário um desenvolvimento claro. Assim, as técnicas de coleta de dados de campo devem ser rigorosamente especificadas.

Em pesquisas que utilizam métodos qualitativos, podemos identificar uma tendência de estudo de comportamento das pessoas. Esse método visa interpretar as experiências do indivíduo na sociedade.

A metodologia de pesquisa qualitativa é usada, principalmente, para investigar fenômenos sociais, humanos e culturais, com o objetivo de entender determinado fato, por esse motivo ela foi a escolhida para esta pesquisa.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não pode ser reduzido à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1995, p. 21-22)

O Quadro 1 a seguir sintetiza as informações sobre o perfil dos professores participantes da pesquisa.

Quadro 1 - Perfil dos professores participantes da pesquisa.

<b>Participante</b>	<b>Formação</b>	<b>Tempo de profissão</b>	<b>Rede de atuação</b>	<b>Anos trabalhados em 2023</b>
Professora 1	Graduação em Letras (LP e Espanhol)	34 anos	Pública e privada	5º, 6 e 7º
Professora 2	Graduação em Letras (LP e Inglês)	35 anos	Privada	4º e 5º
Professora 3	Graduação em Pedagogia e Pós em Psicopedagogia	4 anos	Privadas (2)	3º, 4º e 5º
Professora 4	Graduação em Pedagogia e Pós em Alfabetização	38 anos	Privada	4º e 5º
Professora 5	Graduação em Pedagogia e Pós em Psicopedagogia	20 anos	Privadas (2)	3º e 4º
Professora 6	Graduação em Pedagogia e cursando Mestrado em Educação	11 anos	Pública	5º e 6º + direção adjunta
Professora 7	Formação de Professores (nível médio) e Graduações fora da área de Educação	36 anos	Pública	4º + sala de recursos (educação inclusiva)
Professora 8	Formação de Professores (nível médio)	10 anos	Pública	4º + Ed. Infantil

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

## 2 HISTORICIDADE DA PANDEMIA

O capítulo a seguir traz o conceito de pandemia e sua historicidade, contextualizando as pandemias anteriores até chegar à COVID-19, tratada em números ano a ano e relacionada, também cronologicamente, ao mundo educacional.

### 2.1 VISLUMBRANDO O FUTURO

Era 1962 e um desenho animado intitulado “Os Jetsons” nasceu com uma proposta diferente: vislumbrar a vida humana do futuro. Nele, George, patriarca da família, tem 40 anos de idade em 2062, sendo assim ele teria nascido no ano de 2022.

Os Jetsons começaram com somente uma temporada, no canal estadunidense ‘ABC’, mesmo assim já conseguiram alcançar êxito no imaginário da população da época. Nos anos 80, o desenho voltou a ser produzido e, em 1990, ganhou um filme. No Brasil, o SBT exibia o desenho e o reprisou muitas vezes, fazendo com que nós, brasileiros, pensássemos sobre o futuro sob forte presença de tecnologia.

Os criadores William Hanna e Joseph Barbera arriscaram imaginar e acabaram acertando em muitas propostas do desenho (Figura 4).

Os celulares, hoje em dia tão comuns, foram pensados de diferentes formas por Hanna e Barbera. As vídeo chamadas, por exemplo, foram fundamentais para o “mundo pandêmico”. Encontros com famílias, aulas remotas, consultas médicas e até festividades aconteceram desta maneira durante o período de isolamento social.

Figura 4 – A Família Jetsons e suas tecnologias atemporais.



Fonte: Almeida, 2023.

Será que, quando pensamos em diferentes tempos, conseguimos entender e internalizar nossos sentidos de maneira mais ampla? Será que o mundo educacional deveria refletir mais sobre diferentes aspectos para conseguir, finalmente, um progresso não somente de cidadãos isolados, mas também de formação de sociedade mais consciente e participativa do planeta?

São muitas interrogações, ainda sem respostas. Então, sigamos para o tempo pandêmico. Quem fomos nós, brasileiros, nos anos da pandemia de COVID-19?

## 2.2 O QUE CARACTERIZA PANDEMIAPANDEMIAS ANTERIORES

Segundo a OMS<sup>3</sup>, uma pandemia é a disseminação global de uma nova doença. Assim, o que acontece é que há uma epidemia, ou seja, um surto que afeta uma região, e ela se espalha por diferentes continentes, com pessoas transmitindo umas às outras a doença, passando assim a ser chamada de pandemia.

<sup>3</sup> Organização Mundial de Saúde – agência especializada em saúde, fundada em 7 de abril de 1948. Subordinada à ONU – Organização das Nações Unidas – tem origem nas guerras do fim do século XIX e, hoje, tem como sede Genebra, na Suíça.

As pestes sempre estiveram presentes ao longo do desenvolvimento da humanidade. Entender um pouco sobre o que aconteceu no passado pode nos fazer entender que algumas (ou muitas!) características podem se repetir. A ideia é que possamos enfrentar futuros problemas levando em conta o que a História nos ensina.

O Quadro 2, adaptado da Internet, apresenta alguns dados sobre as pandemias ao longo da história.

Quadro 2- Pandemias anteriores

<b>Características</b>	<b>Peste Negra (Bubônica)</b>	<b>Varíola</b>	<b>Gripe Espanhola</b>	<b>Gripe Suína (H1N1)</b>
Período que ocorreu	Século XIV a XVII, com auge do surto em 1347-1351.	10000 a.C. à 1980 d.C.	1918-1920	2009-2010
Lugares mais afetados	Ásia e Europa	Mundo todo	Mundo todo	Mundo todo
Origem	Ásia Central ou China	Noroeste da África ou Índia	Provavelmente Estados Unidos	México e Estados Unidos
Protocolos seguidos	Medidas de higiene, saneamento e quarentena	Isolamento social e vacinação	Isolamento social, quarentena e uso de máscaras	Medidas de higiene e vacinação
Número de Mortes	No período do grande surto, estima-se que tenha matado, na Europa, cerca de 75 a 200 milhões (quase a metade da população) e na China, entre 25 e 30 milhões.	Desde que começou, matou milhares de pessoas. Mais de 300 milhões somente no século XX.	De 50 a 100 milhões de pessoas. No Brasil, cerca de 35 mil óbitos.	200 mil pessoas em 214 países.
Sintomas	Febre alta, indisposição, náuseas e bubões (manchas negras que caracterizavam gangrena).	Febre alta, moleza, dor de cabeça, erupções cutâneas irreversíveis, deixando pessoas cegas.	Sangramento pelo nariz, ouvidos e até pelos olhos. Prostração e morte rápida.	Febre, tosse, dor de garganta, calafrio, dores no corpo, doenças respiratórias.

Fonte: Adaptado pela autora, 2024.

Algumas práticas da sociedade mudam diante de uma epidemia ou, mais ainda, de uma pandemia.

As grandes epidemias são como peças trágicas, com as mesmas estruturas: primeiro, há um grande medo em relação ao surgimento da epidemia; depois, ocorre uma tentativa de mistificá-la, negando sua existência ou minimizando seu alcance, com o discurso de que a doença não será tão forte; e, finalmente, há a aceitação do problema e a tentativa de resolução. (ROSENBERG, 2020, parágrafo 2).

Ao longo do tempo houve um discurso que as epidemias são democráticas, pois todos os indivíduos passam pela mesma situação. O fato é que isso não é real, conforme explicação mais detalhada nos próximos subcapítulos.

Neste sentido, podemos perceber que é realmente necessário que entendamos os processos ao longo do tempo histórico e, assim, poder projetar futuros mais conscientes. E, falando mais especificamente sobre a COVID-19, um ponto importante é:

É verdade que houve muitas pandemias na história. É verdade que a unificação bacteriana global ocorre desde a conquista das Américas, mas a novidade radical da COVID-19 está no fato de ele dar origem a uma megacrise feita de combinações de crises políticas, econômicas, sociais, ecológicas, nacionais, planetárias, que se sustentam mutuamente com componentes, interações e indeterminações múltiplas e interligadas [...] A primeira revelação fulminante dessa crise inédita é que tudo o que parecia separado é inseparável. (MORIN, 2021, p.21)

Outra reflexão importante diz respeito ao mundo pós-pandemia, que poderá ser tido como uma versão ainda mais acelerada do mundo que conhecemos antes.

Há quarenta anos que o mundo vive dominado pela ideia de que não há alternativa à sociedade atual, ao modo como está organizada e como organiza nossas vidas, o nosso trabalho ou a falta dele, o nosso consumismo e o desejo dele, o nosso tempo e a nossa falta de tempo, a nossa vida social e a ressaca e a solidão que tantas vezes nos causa a insegurança do emprego e do desemprego, a desistência de lutar por uma vida melhor ante a possibilidade sempre iminente de a vida piorar (SANTOS, 2020, parágrafo ).

O fato é que o período foi de muitas dúvidas e projeções do que viria, mas aos poucos fomos entendendo (e vivendo) a realidade recém-chegada.

### 2.3 A COVID-19 ANO A ANO

Este capítulo busca apresentar dados e situações ocorridas ao longo do tempo em que tivemos a presença da COVID-19 em nossas vidas.

### 2.3.1 O ano de 2020

#### **Falta**

*Falta constante do convívio,  
Do olhar,  
Do poder estar com e entre as pessoas.*

*O que fazer para sobreviver?  
O que fazer para não perder a alegria de viver?  
O que fazer para suportar a ausência do outro?*

*Corpo doído,  
Corpo sofrido,  
Corpo sozinho.  
Tristeza.  
Fátima Freire<sup>4</sup>*

Início de ano, expectativas criadas e tanto para acontecer! Porém, em 11 de março de 2020, muitos planos tiveram que mudar. A COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à proporção da distribuição geográfica da doença e não à sua gravidade. Assim, a partir deste dia, o mundo inteiro passou a saber que a doença havia se espalhado. Muitas foram as medidas de segurança ao longo do passar dos meses: distanciamento social, fechamento das escolas, uso de álcool gel, lavagem de todas as compras de supermercado, o uso de máscaras... Para cada parcela da população, uma maneira diferente de vivenciar a pandemia e a quarentena necessária. “Qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros e impossível para um vasto grupo de cuidadores, cuja missão é tornar possível a quarentena ao conjunto da população.” (SANTOS, 2020, p. 15).

Ainda segundo Santos (2020), para alguns grupos a quarentena é extremamente difícil. Para as mulheres, por serem tidas como as cuidadoras do mundo: trabalho, casa, filhos, mais estresse diário, menos tempo (se é que é possível) para si mesmas. Os trabalhadores autônomos e não formais, pois o setor de serviços é um dos mais afetados pela pandemia: a recomendação da OMS de trabalhar de casa e em autoisolamento é praticamente impossível para tais. A população de rua, obviamente, por não ter condições físicas espaciais para o autocuidado. Os moradores das periferias pobres da cidade e das favelas, por não

---

<sup>4</sup> Fátima Freire, filha de Paulo Freire, em seu livro ‘Uma vida marcada pela educação’ (FREIRE, 2023).

terem habitação adequada e nem sequer infraestrutura de saneamento básico. E, os idosos, por serem o grupo mais vulnerável ao vírus, também fazem parte deste grupo.

[...] a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam. Acontece que tais assimetrias se tornam mais invisíveis em face do pânico que se apodera dos que não estão habituados a ele[...] (SANTOS, 2020, p. 21).

### 2.3.1.1 E a escola, nesse parâmetro de caos? Onde ficou?

Nas escolas, a realidade enfrentada também é discriminatória. Elas foram fechadas no final do expediente do dia 13 de março de 2020, era uma sexta-feira. Na rede privada de ensino, gestores tiveram que buscar soluções rapidamente para que, de alguma maneira, as aulas acontecessem mesmo à distância. Era preciso que o vínculo continuasse a existir, pois os responsáveis precisavam continuar a arcar com despesas financeiras e, assim, manter o funcionamento das escolas. Professores receberam diversos treinamentos, foram convocados a ajudar alunos através, inclusive, de seus telefones pessoais. O trabalho ficou extremamente cansativo ao longo do ano, mas com muita dedicação, pode-se dizer que houve êxito na comunicação. Diversos fatores mudaram, como o uso de computadores e celulares, o que foi primordial para que as aulas acontecessem.

A Professora 1, entrevistada nessa pesquisa, relata que a experiência

*[...] foi desafiadora. Nós, alunos e professores, tivemos que nos adaptar a práticas remotas – efetuadas por meio de computadores, celulares e tablets. Tive que me reinventar, elaborando novos planejamentos de aula e revendo alguns conceitos antigos.*

A fala da Professora 2 também apresenta a dificuldade no ano inicial da pandemia: *“Foi difícil a adaptação à nova realidade de dar aula através de uma telinha. No momento que mais precisávamos de carinho e abraços, tivemos que nos manter afastados”*.

A Professora 4 diz que o tempo foi bem intenso:

*No início foi bem difícil. Tive que me reinventar, ser mais criativa, buscar novos meios para prender a atenção dos alunos diante de uma tela. Aos poucos, fui me adaptando ao ‘novo modo de educar’. Foi bem cansativo também. Eram horas e mais horas de planejamento, de criação de conteúdo,*

*de elaboração de atividades que fossem atrativas para os alunos naquela situação [...]*

Já na rede pública, houve uma grande parada com o fechamento. A comunicação demorou para começar a acontecer. A realidade social simplesmente não permitia que houvesse qualquer tipo de vínculo, na grande maioria dos casos.

A COVID-19 virou de pernas para o ar os nossos pressupostos sobre o que é importante nas escolas e na sociedade. A fantasia de que a aprendizagem poderia ser acessada em dispositivos eletrônicos a todo momento, em qualquer lugar, e de que os muros das escolas no século XXI desabariam foi confrontada com o simples fato de que as crianças precisam de apoio por inúmeras razões, inclusive para que seus pais possam trabalhar. A pobreza que a pandemia expôs e exacerbou tornou muitas crianças vulneráveis a insônia, estresse, violência e abuso. (HARGREAVES; SHIRLEY, 2023, p. XVI).

A Professora 7 explica que “[...] o desafio neste período foi enorme e que, infelizmente, a Educação está atrasada em muitas áreas essenciais [...]”. Vale ressaltar que a referida professora atua, também, em outro setor e, por esse motivo, afirma que a Educação tem um atraso significativo, por exemplo, no que se refere à tecnologia digital. A Professora 8 ressalta que

*[...] o cenário de incertezas era o que mais me prejudicava, não sabíamos quanto tempo duraria tudo aquilo, de repente precisamos nos adaptar a uma extensa gama de tecnologia que nunca nos havia sido ensinada antes. E o pior era que os alunos não tinham acesso, ou seja, muito do nosso trabalho era em vão [...]*(Figura 5).

Não havia como não enxergarmos o grande abismo existente entre as diferentes realidades: “O isolamento serviu de lente de aumento para as desigualdades sociais: a pandemia acentuou dramaticamente as desigualdades socioespaciais [...]. A epidemia atingiu o mundo de modo desigual” (MORIN, 2021, p. 29-30).

Figura 5- Desigualdade social.



Fonte: Revista Emília, 2020.

De acordo com levantamento da UNESCO, as escolas estiveram fechadas, sem aulas presenciais, por dois terços do ano letivo de 2020, em função da pandemia.

A todo momento éramos envoltos de sentimentos de medo, solidão, cansaço e muita, muita incerteza. Começamos a ver um grande movimento de solidariedade, no qual mesmo as pessoas que não tinham muitas condições, conseguiam, de alguma forma, se ajudar. Mesmo assim, não eram aparentes, naquele ano, a solidariedade e consciência planetária. Morin (2021, p.91) afirma que “[...] embora por toda parte haja um despertar de solidariedade nacional, não ocorreu despertar de uma solidariedade planetária, fora algumas exceções [...]”.

Durante o ano todo era muito real o fato de que nunca havíamos passado por aquela realidade antes e que, com certeza, ao final daquilo tudo, deveríamos pensar em como melhorar esta realidade social para, até, estarmos preparados para as próximas pandemias que poderão chegar.

E, o verdadeiro realismo de 2020, segundo Morin (2021, p.88) “[...] é não voltar à aparente normalidade anterior, mas reformar a política, o Estado, a civilização [...]”. Aliás, esse era um deslumbre que a maioria de nós, brasileiros, tinha. Porém, segundo Santos (2020, p. 29), “No curto prazo, o mais provável é que, finda a quarentena, as pessoas se queiram assegurar de que o mundo que conheceram afinal não desapareceu [...]”.

Segundo a Fiocruz (2021), o número de mortes por COVID no Brasil, ao final de 2020, foi de 230.452 pessoas.

Os professores entrevistados nesta pesquisa trouxeram alguns fatos bem significativos que podem ressaltar a questão das diferenças entre as realidades enfrentadas nas escolas públicas e privadas.

As professoras 1, 2, 3 e 4, que trabalham na rede privada, quando perguntadas sobre como era o acesso de seus alunos às aulas *on-line*, relataram, respectivamente, que:

*[...] a grande maioria dos meus alunos entrava diariamente, sendo que alguns não ligavam a câmera, outros dormiam na frente dela [...];*

*[...] a grande maioria acessava por computadores de casa ou até tablets e celulares [...];*

*[...] o acesso era bom, todos entravam diariamente, havia faltas ocasionais assim como nas aulas presenciais, normal [...];*

*[...] os alunos tinham acesso a uma plataforma que a escola adotou, só era complicado porque a internet ficava instável, os alunos caíam de vez em quando, o que atrapalhava o andamento das aulas. As câmeras fechadas dificultavam a interação, havia problemas com barulhos externos, microfone e brincadeiras nos chats que eram difíceis de controlar [...].*

Apesar de vários impedimentos e dificuldades, pudemos perceber que, na realidade da escola privada, o ensino não parou.

Já as professoras 5, 6, 7 e 8, quando perguntadas sobre o mesmo assunto acima, afirmaram, respectivamente, que:

*[...] não houve contato com os alunos por muito tempo [...]*

*[...] em 2020 quase não tive acesso aos alunos [...]*

*Um número pequeno de responsáveis tinham um contato contínuo comigo, me davam um retorno das atividades desenvolvidas, das propostas. Então, por exemplo: de uma turma de 35, de 5 a 7 alunos eu tinha contato e retorno, o outro grupo oscilava. Estavam presentes no grupo de whatsapp que precisei criar para as duas turmas, mas não tinha contato constante como deveria ser [...]*

*No município tivemos que criar grupos de whatsapp e fazer alguns cursos de atualização de maneira bem emergencial. Não tivemos aula síncrona, em pouquíssimos momentos conseguíamos agendar uma conversa de meia hora, na medida do possível, não era de fácil acesso para a maioria dos responsáveis. Os alunos dependiam de celular, foi muito tenso.*

Esse realmente foi o ano das grandes mudanças no campo educacional (Figura 6). Diferentes realidades, mas todas elas passando por instabilidades e aprendizagens em tempo real. Proibíamos tanto, por exemplo, o uso de celulares

nas escolas e, de repente, precisamos deles para o acesso ao “ambiente escolar digital”.

Figura 6 - Uso do celular nas escolas.



Fonte: Amor a vida, [s.d.].

### 2.3.2 O ano de 2021

*Amor, poesia, sabedoria  
A cabeça bem-feita  
O caminho da esperança  
Ciência com consciência  
Como viver em tempos de crise?  
Conhecimento, ignorância, mistério  
Cultura e barbárie européias  
Edwige, a inseparável  
Filhos do céu  
Meu caminho  
Meus demônios  
Minha Paris, minha memória  
O mundo moderno e a questão judaica  
A religião dos saberes  
Rumo ao abismo?  
A via*

*Edgar Morin*

O ano de 2021 se inicia e, com a virada de ano, muitos de nós pensamos que, magicamente, a situação pandêmica pudesse acabar. Mero engano. A situação não acabou, mas um avanço bem significativo e eficaz finalmente chegou.

O segundo ano de pandemia ficou marcado por fatos difíceis: uma segunda onda bem intensa da doença, o colapso do sistema de saúde e o surgimento de

novas variantes do vírus, sendo estes muito mais transmissíveis. Porém, apesar de tantos desastres e efeitos terríveis da pandemia, o ano de 2021 ficou marcado, também, pelo avanço da vacinação contra a COVID-19. Viva à Ciência!

Logo no início do ano, segundo dados do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS) o Brasil se torna o segundo país no mundo com maior número de mortes, perdendo somente, naquele momento, para os Estados Unidos. Ainda no mês de janeiro, enfrentamos um verdadeiro colapso no sistema e, em Manaus, dezenas de mortes acabaram acontecendo por falta de estoque de oxigênio. Nesse momento, muitas pessoas se solidarizam e o grande movimento social de ajuda mútua continua.

Para nossa alegria, em 17 de janeiro de 2021, a primeira pessoa brasileira é imunizada. Era uma enfermeira de 54 anos. Assim, a vacinação segue e, até o final de 2021, atingimos a marca de 80% da população-alvo vacinada.

As medidas restritivas ainda continuam, mas as atividades essenciais voltam ao modo presencial. Mesmo assim os cuidados continuam, pois o fim da pandemia ainda não havia chegado e uma nova variante surgiu na Europa e nos Estados Unidos, nos deixando, assim, ainda em alerta de preocupação.

#### 2.3.2.1 E a escola, como ficou?

Nas escolas começamos a viver o pós-pandemia sem mesmo a pandemia ter acabado. Aulas com rodízios de alunos, uso de máscaras e infinitas embalagens de álcool gel. Muitas, muitas regras. E, mais uma vez, superação dos professores. Mas também... exaustão.

Uma das entrevistadas desta pesquisa, a Professora 6, da rede pública, explica que:

*Foi uma experiência difícil, acredito que para a maioria dos educadores, por conta do cenário que a gente estava vivendo: um cenário de incertezas, que nos deixava psicologicamente afetados, essa questão da saúde mental, emocional [...] Você tinha preocupação em relação a sua vida, a sua sobrevivência, sua saúde, tinha suas questões pessoais envolvidas além da sua preocupação com o trabalho, com o andamento do seu trabalho.*

As aulas, em algumas escolas, passaram a ser híbridas, *on-line* e presenciais ao mesmo tempo. As avaliações eram *on-line*, em formulários, plataformas, de diferentes maneiras. Tempos de aprendizagem emergencial.

A Professora 1, da rede privada, diz que seus sentimentos na volta para a escola eram de “[...] receio e medo, principalmente de ser infectada e levar o vírus para casa [...]”.

A Professora 3 expõe como foi o retorno presencial:

*[...] a volta às aulas foi aterrorizante com o único sentimento: medo. Medo de eu mesma morrer ou de alguma criança. Meus alunos tiveram, tão cedo, que lidar com a morte de um parente próximo, até mesmo de um pai ou de uma mãe, morte de um funcionário e internação de alguns coleguinhas! A grande questão era: como voltar às aulas com uma turma tão abalada emocionalmente? (incluindo a professora).*

O retorno híbrido<sup>5</sup> foi bastante desafiador, conforme explica a Professora 4:

*[...] trabalhar com o ensino híbrido foi, não só intenso. Foi tenso demais. Uns alunos na sala e outros em casa. Me lembro que logo no início da volta às aulas, eu só tinha uma aluna no presencial e o restante da turma toda on-line, achei bem difícil. Depois, cheguei a ter metade, metade. E conseguiu ser ainda pior. Um verdadeiro pesadelo.*

Vivemos, também, um grande período de adaptação (Figura 7). Os alunos voltaram a frequentar as escolas e, aparentemente, esqueceram como era sua rotina.

Em condições mais comuns, muitas crianças simplesmente perderam os hábitos que as escolas lhes ensinam – como sentar em círculo, à espera da sua vez, ou saber ouvir e cooperar (HARGREAVES; SHIRLEY, 2023, p.73).

As diferenças entre realidades educacionais, ligadas ao ensino público e privado, ficaram ainda mais visíveis. Vivemos um ano de caos novamente, porém ainda mais desgastante, por estarmos inseguros e ainda com medo do vírus (Figura 8). Segundo Hargreaves e Shirley (2023, p. 72), “[...] mais graves ainda eram as crescentes disparidades de aprendizagem entre crianças de famílias mais ricas e mais pobres durante a COVID-19 [...]”.

---

<sup>5</sup> Híbrido refere-se a uma mistura. O ensino híbrido não é somente composto por aulas presenciais e remotas (vide capítulo 5), mas ele foi amplamente divulgado desta maneira por conta do que ocorreu no período pós-pandêmico.

Figura 7 - Aula e prova online x Presencial



Fonte: Spotted UFRJ, 2021.

8 - Capa do LeMondeDiplomatique Brasil.



Fonte: Le Monde Diplomatique Brasil, 2021.

Segundo o Anuário Brasileiro da Educação Básica (ABEB) de 2021, o Brasil é um dos países que por mais tempo permaneceu com escolas totalmente fechadas, em todo o mundo.

O Brasil encerrou 2021 com 412.880 mortes por COVID-19 registradas somente durante o ano.

### 2.3.3 O ano de 2022

*Para falar sem rodeios,  
Não temos nada melhor que a memória  
Para ressignificar algo que aconteceu, ocorreu,  
Se passou antes que declarássemos nos lembrar dela.*

Paul Ricoeur

O ano começou novamente cheio de esperança de que tudo poderia mudar e finalmente estaríamos livres do vírus. De fato, tivemos melhoras significativas, porém, logo no início do ano, o Brasil passava novamente por uma crise, esta agora devido

a nova onda da variante, Ômicron. Nesta fase, foram mais de 224 mil casos por dia, segundo a Fiocruz.

Apesar do aumento dos casos da doença, houve uma considerável redução na letalidade. Os casos passaram a ser menos graves e as medidas de restrição foram sendo amenizadas, como, por exemplo, o uso das máscaras que deixou de ser obrigatório. A ciência avançou cada vez mais e a vacinação também, o que pode tornar a vida o mais “normal” possível.

Neste ano, as crianças começaram a ser vacinadas também.

#### 2.3.3.1 E a escola, como ficou?

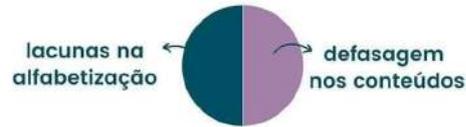
Aparentemente voltávamos à normalidade das aulas, mas a realidade era desafiadora (Figura 9). Lacunas de aprendizagem, problemas emocionais, famílias desreguladas e, por mais um ano, muita exaustão.

Segundo a Professora 1:

*O ano de 2022 deveria ter sido mais tranquilo, porque a vida estava voltando ao normal, aos poucos, mas estava. Só que os desafios continuaram a chegar e chegaram com força em alguns aspectos, principalmente os que envolvem a saúde mental. Pra mim, a saúde mental dos estudantes foi o principal adversário no cenário educacional. Vale lembrar, também, que esse problema grave não ficou restrito só aos alunos. Muitos professores também adoeceram devido ao grande desgaste emocional que enfrentaram todos os dias. A partir deste cenário, pensei: Preciso juntar forças e recomeçar. Receber os alunos, todos os dias, com alegria e otimismo, para mim foi desafiador. Quase impossível.*

Figura 9- Desafios: expectativa x realidade.

### DESAFIOS QUE IMAGINAMOS PARA 2022 NAS ESCOLAS



### DESAFIOS QUE ENCONTRAMOS



Fonte: AMORIN, [S.d.].

O Brasil encerrou 2022 com 1,4 milhão de mortes, no total, por COVID-19.

#### 2.3.4 O ANO DE 2023



*Dias melhores*

*Vivemos esperando  
Dias melhores  
Dias de paz, dias a mais  
Dias que não deixaremos para trás  
Vivemos esperando  
O dia em que seremos melhores (melhores)  
Melhores no amor  
Melhores na dor  
Melhores em tudo  
Vivemos esperando  
O dia em que seremos  
Para sempre  
Vivemos esperando  
Dias melhores pra sempre  
Dias melhores pra sempre*

*Jota Quest*

O ano de 2023 começou dentro do esperado. Maioria da população brasileira vacinada e o vírus, ainda circulando, mas enfraquecido. As medidas de segurança foram praticamente extintas, porém ainda víamos algumas (poucas) pessoas usando máscaras pelas ruas e em ambientes fechados.

Em 5 de maio de 2023, a OMS decretou o fim da pandemia (Figura 10). Seria um fim ou o início de uma nova era? Esperamos tanto por dias melhores... eles finalmente chegaram?

Figura 10- Fim da pandemia de COVID-19.

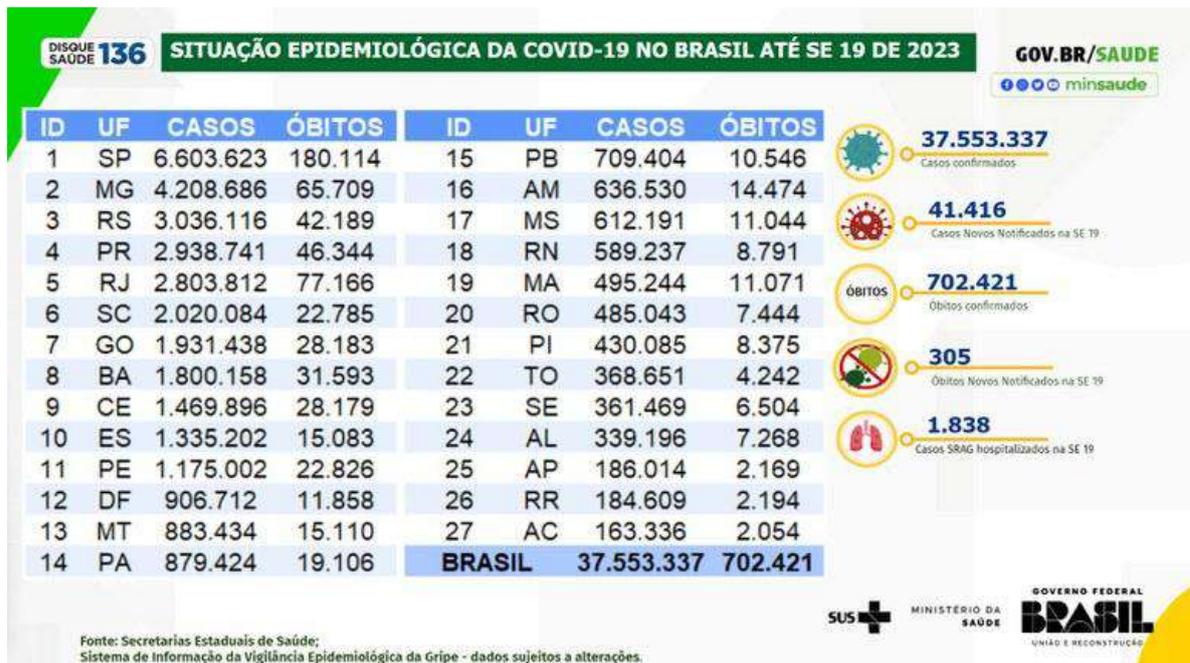


Fonte: NUVENS, 2023.

A grande verdade é que, como bem diz a música de Jota Quest, vivemos esperando dias melhores! Apesar do decreto de fim da pandemia de COVID-19, ainda estamos passando por profundos desafios sociais.

A figura 11 a seguir resume os números oficiais da COVID-19 no Brasil.

Figura 11 - Números oficiais da COVID-19 no Brasil.



Fonte: Brasil, 2023.

## 2.4 PANDEMIA E MUDANÇA SOCIAL: POSSIBILIDADE REAL OU PURA ILUSÃO?

*Uma pergunta que paira sobre as nossas cabeças é: Como as gerações vão dar conta de um mundo em bagaços?*

*Aílton Krenak (2020a)*

Quem de nós pensou sobre um mundo melhor após a pandemia de COVID-19? É fato que a maioria pensou. Foram tempos de tanto medo e incerteza que um sentimento de solidariedade emergiu, magicamente, dos humanos. Sim, pensamos que essa empatia fosse se desdobrar na tão sonhada construção de um mundo melhor, mais justo e consciente. Segundo Morin (2021), a tomada de consciência da comunhão terrestre de destinos deveria ser o acontecimento fundamental de nosso século. Será que é isso o que estamos vendo e vivendo?

Como diz a música de Jota Quest, “vivemos esperando dias melhores”, mas esperar sem agir... adianta?

Importante lembrar que somos ligados integralmente à existência do planeta. Assim, faz-se necessário termos consciência de que devemos cuidar, arrumar e também, poupar seus recursos tão necessários à nossa sobrevivência.

Superaremos a quarentena do capitalismo quando formos capazes de imaginar o planeta como a nossa casa comum e a Natureza como a nossa mãe originária a quem devemos amor e respeito. Ela não nos pertence. Nós é que lhe pertencemos. Quando superarmos esta quarentena, estaremos mais livres das quarentenas provocadas por pandemias [...] (SANTOS, 2020, p. 32).

Pensando, então, em pandemia, há uma grande reflexão necessária envolvendo seres humanos e Natureza que Santos (2020, p. 22) nos traz: “Não se trata de vingança da Natureza. Trata-se de pura autodefesa. O planeta tem que se defender para garantir a sua vida. A vida humana é uma ínfima parte (0,01%) da vida planetária a defender”.

Vivendo do jeito que vivemos, sem cuidado algum com a Mãe Terra, o que conseguimos? Infelizmente só conseguimos piorar a cada dia. Impossível mudar? Onde deve estar o fervor das grandes mudanças tão necessárias? Eu ainda acredito que as escolas têm esse importante papel social. É possível mudarmos de via.

É verdade que pode parecer impossível mudar de via. Mas todas as novas vias conhecidas na história humana foram inesperadas, filhas de desvios que conseguiram se enraizar, tornar-se tendências e forças históricas [...] (MORIN, 2021, p. 92).

A esperança sempre haverá de permear nossos hábitos, talvez por isso não nos deixemos invadir pelo desânimo e vencer pelo cansaço. O mundo está em transformação constante e a rapidez fluida dessa transformação tem sido bem assustadora.

Tantas transformações parecem necessárias simultaneamente, tantas reformas econômicas, sociais, pessoais e éticas se tornam imprescindíveis num momento em que tudo retrocede: essa constatação poderia levar à desesperança (MORIN, 2021, p. 96).

As professoras entrevistadas também enfatizam que a escola é o local que deve trabalhar questões ambientais e consciência planetária. A pergunta foi feita para relacionar o tema à crise sanitária da pandemia:

- a) “É preciso, nos dias atuais, pensar numa cidadania global. É muito necessária a transformação e a conscientização do povo para esse

assunto. Para que a sustentabilidade seja efetiva, temos que construir essa consciência, inclusive nas crianças. Talvez elas sejam as mais importantes e evoluídas para esse processo”.

- b) “É preciso que se discuta mais sobre a consciência ambiental também nas escolas, para conseguirmos promover projetos melhores que sensibilizem a população e mostrarmos que é possível termos um futuro mais sustentável”.
- c) “Acho muito importante termos clareza de que esses temas são fundamentais e tem tudo a ver com a pandemia. Precisamos cuidar do nosso planeta! Se cada um fizer a sua parte, tudo pode melhorar!”

Humanismo, a meu ver, não é apenas sentimento de comunhão humana, de solidariedade humana, é também o sentimento de ser parte dessa aventura desconhecida e incrível, e ter a esperança de que ela continue para uma metamorfose, da qual nasceria um novo devir (MORIN, 2021, p. 96).

Para nosso descontentamento, o ano de 2023 trouxe a retomada do julgamento do marco temporal para demarcação das terras, o que acaba permitindo mais facilmente a degradação do ambiente. A ação determina que as etnias indígenas só poderão reivindicar terras ocupadas antes de 1988 (ano da Constituição Brasileira). Isso é, no mínimo, preocupante, pois afeta diretamente a educação escolar indígena, os territórios, as vidas e práticas culturais dos povos originários.

Ao que parece, não mudamos para melhor, as coisas não estão dadas simplesmente pelo que aconteceu na pandemia, não houve a mudança que, iludidamente, esperávamos.

As mudanças ainda continuam dependendo das nossas escolhas diárias, inclusive pelo que lutar. E, como diz Krenak (2020b), como as próximas gerações vão ser capazes de lidar com o mundo em bagaços? Precisamos cuidar dele... (Figura 12).

Figura 12 - Personagem Mafalda e a Terra “doente”.



Fonte: Skepticafro, 2019.

## 2.5 PROFESSORES E PANDEMIA DE COVID-19



Um móbile no furacão  
Paulinho Moska

### ***Um móbile no furacão***

*Você diz que não me reconhece  
Que não sou o mesmo de ontem  
Que tudo o que eu faço e falo  
Não te satisfaz  
Mas não percebe  
Que quando eu mudo é porque  
Estou vivendo cada segundo  
E você como se fosse uma eternidade a mais  
Sou um móbile solto no furacão  
Qualquer calmaria me dá solidão  
Sou um móbile solto no furacão  
Qualquer calmaria me dá  
Paulinho Moska*

Se me perguntassem como eu, autora deste texto, me sinto diante da pandemia, a resposta seria uma só: me sinto um móbile solto num furacão! E, ao contrário do que diz a letra da música, tenho sentido falta – muita falta! – dos momentos de calmaria. Não sei, sinceramente, onde eles foram parar. Só sei que sinto falta.

Entramos num paradoxo acerca do tempo porque, se de um lado ele nos faltava, de repente, nos sentimos ociosos porque ele não era preenchido dentro das paredes da nossa casa. E assim, passada a euforia da sensação de férias e estabelecidas inúmeras outras tarefas e necessidades do espaço

do lar, assume ele (tempo), novamente, a roupagem da escassez [...] (FRANCISCO, 2023, p. 23).

Assim como eu, os professores foram transformados por tudo o que passaram neste período de pandemia. Não tem como negar que sem sua resiliência, capacidade de superação e vontade de fazer tudo dar certo, mesmo com as mínimas condições possíveis, não haveria continuidade no processo educativo.

Façamos também justiça [...] aos professores e educadores que, sem interrupção, no auge da crise, revelaram-se não mais funcionários ou profissionais, porém missionários. O importante é que a partir de agora as profissões desvalorizadas passem a gozar de pleno reconhecimento social, [...] sejam confirmadas na grandeza da missão a que se elevaram durante a crise e na qual deveriam ser mantidas [...] (MORIN, 2021, p. 30).

A grande questão foi que buscamos, enquanto professores, soluções possíveis para que, mesmo em meio a um momento de puro caos, nossos alunos e alunas tivessem algum tipo de acesso ao mundo da escola, mesmo fora dos espaços físicos dela. Naquele tempo inicial de pandemia, os equipamentos eletrônicos passaram a ser nossos principais instrumentos de liberdade, pois com eles pudemos manter algum tipo de contato com o mundo fora dos muros de nossas casas. Infelizmente, junto disso, também viramos um pouco mais reféns desse mundo digital.

A crise numa sociedade suscita dois processos contraditórios. O primeiro estimula a imaginação e a criatividade na busca de soluções novas. O segundo é a busca do retorno à estabilidade passada ou a adesão a uma salvação providencial [...] (MORIN, 2021, p. 32).

Segundo o Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2021, os desafios apenas demonstram a crescente importância das escolas como equipamentos públicos básicos. A divergência de opiniões sobre o impacto da pandemia na educação reitera que os países precisam trabalhar mais do que nunca para manter suas escolas como prioridade. Segundo Morin (2021, p. 53), “[...] a esperança está na luta pelo despertar das mentes e pela busca de outra Via, que a experiência da megacrise mundial terá estimulado [...]”.

Vivemos tempos de profunda transformação, mesmo tendo que lidar com emoções não tão positivas, como o luto e o medo. Como transformar foi indispensável na Educação, precisamos ter profunda perseverança e coragem. Vasconcelos e Silva (2021, p.17) acreditam que “[...] a pandemia vai passar, o risco

vai acabar, mas não podemos deixar de perceber as oportunidades que vieram com tudo isso e nossa capacidade de reinvenção, mesmo que seja através da dor [...]”.

A função nas escolas deve ser pautada em melhorias planetárias, mas sempre de acordo com o que é possível. De acordo com Morin (2021), não devemos pensar em transformar o homem em ser perfeito ou quase divino. Mas podemos tentar desenvolver o que nele há de melhor, ou seja, sua faculdade de ser responsável e solidário.

No capítulo 6, trago mais algumas reflexões sobre os professores e a pandemia, através das entrevistas realizadas.

### 3 TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO...



Oração ao Tempo  
Caetano Veloso

#### *Oração ao Tempo*

*És um senhor tão bonito  
Quanto a cara do meu filho  
Tempo TempoTempoTempo  
Vou te fazer um pedido  
Tempo TempoTempoTempo*

*Compositor de destinos  
Tambor de todos os ritmos  
Tempo TempoTempoTempo  
Entro num acordo contigo  
Tempo TempoTempoTempo*

*Por seres tão inventivo  
E pareceres contínuo  
Tempo TempoTempoTempo  
És um dos deuses mais lindos  
Tempo TempoTempoTempo*

*Que sejas ainda mais vivo  
No som do meu estribilho  
Tempo TempoTempoTempo  
Ouve bem o que te digo  
Tempo TempoTempoTempo  
Caetano Veloso*

Este capítulo aborda uma questão muito presente na fala dos professores: o tempo. O que é o tempo? Estamos sempre na correria; isso tem jeito de melhorar? A vida profissional e pessoal dos professores está influenciada pelo tempo? E a pandemia, que relação tem com o tempo? Senhor tão bonito, compositor de destinos, tambor de todos os ritmos... será que conseguimos junto de Caetano fazer com que o tempo seja ainda mais vivo?

#### 3.1 CONCEITO DE TEMPO

Mas, afinal, o que é o tempo? Segundo o dicionário Michaelis, a palavra tempo significa:

1. Período de momentos, de horas, de dias, de semanas, de meses, de anos etc. no qual os eventos se sucedem, dando-se a noção de presente, passado e futuro;
2. Período mais ou menos extenso, levando-se em consideração os acontecimentos nele ocorridos; época;
3. Certo período da vida ou da história que se diferencia de outros;
4. Período em que se vive; momento atual;
5. Momento propício para a

realização de alguma coisa; 6. Período não definido, geralmente com implicação de futuro; 7. Conjunto de fatores meteorológicos; 8. Cada um dos períodos em que se dividem as partidas de certos jogos; 9. Duração cronometrada de certas atividades esportivas; 10. Cada um dos movimentos de qualquer tipo de ginástica ou de um passo de dança, em relação ao ritmo; 11. Unidade abstrata de medida do tempo musical; pulsação, pulso; 12. Cada subdivisão da categoria de tempo que situa a ação num determinado momento ou época, passado, presente, futuro.

Com tantas explicações/definições diferentes, já podemos perceber que não é tão simples definir o tempo. Esta dificuldade vem de longe, como afirmava Santo Agostinho (1973, p. 17): “O que é então o tempo? Se ninguém perguntar eu sei. Se alguém me perguntar, eu não sei responder.”.

Segundo Santos (2021), o tempo carrega a característica de nada poder ser pensado sem ele e, no entanto, de ser ele próprio relativamente pouco pensado pela reflexão humana ou científica. Dito isto, o tempo em que vivemos não pode, em nenhuma espécie, ignorar este tão intenso enigma.

A pandemia abalou profundamente tanto as rotinas diárias como as expectativas e os planos de futuro e, conseqüentemente, as percepções do passado. Dizia Aristóteles que a memória era a imaginação mais o tempo. Um tempo turbulento afeta, pois, a imaginação e a memória (SANTOS, 2021, parágrafo 1).

Obviamente, com os acontecimentos destes últimos anos, reavaliamos intensamente nossas vivências e acontecimentos cotidianos. De repente, parece que o tempo simplesmente... Mudou. Ficamos repentinamente saudosos de uma rotina que, por ora, vivíamos reclamando. Ficamos duvidosos de um futuro que, talvez, pudesse simplesmente não chegar. E o presente? Pudemos aproveitar?

Quantas relações diferentes estabelecidas nesses tempos quantitativos e qualitativos! “Gestar a História” a partir das memórias medidas pelos senhores Chronos e Aeon não é tarefa fácil, especialmente por se tratar de História de tempos sobre os quais escrevo e vivo sincronamente (GARCEZ, 2020, p. 204).

Em tempos normais, a experiência temporal comanda o presente de pessoas, grupos e comunidades de maneira geral. Em tempos de turbulência a experiência tende a alterar-se e as pessoas acabam vivendo mais o passado e o futuro. A experiência do presente que a pandemia traz com o distanciamento social, uso de álcool gel, máscaras e até lavagem de compras vindas do mercado altera a noção deste presente, por ser, no mínimo, estranha e diferente de tudo o que antes fora vivido. Há a esperança de que o passado volte (quantas vezes me peguei dizendo:

‘eu quero minha vida de volta!?’) e a esperança de que o futuro seja melhor ou que, pelo menos, ele aconteça, com a sobrevivência da espécie.

Para a minoria da população do mundo, que se pôde proteger durante a pandemia, o passado como suspensão do presente é uma experiência ainda mais imensa e o futuro é vivido intensamente como o fim dessa suspensão e o regresso à normalidade mais do que nunca desejada (SANTOS, 2021, parágrafo 3).

Importante destacar, também, o conceito de tempo para os indígenas. Ele é profundamente enraizado em suas culturas e visões de mundo, muito diferente, por exemplo, das perspectivas do ocidente, que são mais lineares e fragmentadas, se pensarmos em passado, presente e futuro. A compreensão do tempo, para esses povos, muitas vezes transcende a mera sequência cronológica de eventos, incorporando uma ligação muito forte com a natureza, os ciclos e a espiritualidade.

Ailton Krenak (2021), líder indígena e pensador contemporâneo, traz valiosas reflexões sobre essa temática. Ele destaca a natureza cíclica do tempo para os povos originários, enfatizando a importância de compreendermos a interconexão entre todos os seres e elementos do universo. Os indígenas frequentemente experimentam o tempo de maneira mais holística. Krenak (2021) ressalta a importância de resgatar essa percepção ancestral do tempo, reconhecendo que a obsessão moderna pela velocidade e produtividade muitas vezes atrapalha nossa conexão essencial com o mundo natural. Para os indígenas, o tempo é marcado por rituais sazonais, ciclos lunares, movimentos planetários e, principalmente, a sabedoria transmitida por gerações.

É preciso reconsiderar nossa relação com o tempo, a natureza e a espiritualidade. Ao abraçar essa ideia, somos convidados a adotar uma postura mais consciente e equilibrada em nossa jornada temporal, reconhecendo nossa conexão com o cosmos e o meio ambiente que nos cerca.

### 3.2 TEMPO PERDIDO? UMA ANALOGIA A CHRONOS E KAIRÓS



#### ***Tempo perdido***

*Todos os dias quando acordo  
Não tenho mais  
O tempo que passou  
Mas tenho muito tempo  
Temos todo o tempo do mundo*

*Todos os dias  
Antes de dormir  
Lembro e esqueço  
Como foi o dia  
Sempre em frente  
Não temos tempo a perder*

*Nosso suor sagrado  
É bem mais belo  
Que esse sangue amargo  
E tão sério  
E selvagem! Selvagem!  
Selvagem!*

*Veja o sol  
Dessa manhã tão cinza  
A tempestade que chega  
É da cor dos teus olhos  
Castanhos*

*Então me abraça forte  
E diz mais uma vez  
Que já estamos  
Distantes de tudo  
Temos nosso próprio tempo...  
Legião Urbana*

Segundo a mitologia grega, Chronos é o Deus do Tempo. Sua força é implacável e não pode ser detida. Ele casou-se com sua irmã Reia e tiveram seis filhos, porém, temendo uma profecia que dizia que seus filhos o tirariam do poder, Chronos engoliu-os logo após o nascimento. Reia conseguiu salvar um dos filhos, Zeus, enganando o marido ao entregar um pedaço de pano para ser engolido.

Já adulto, Zeus conseguiu seus irmãos de volta, dando uma poção mágica ao seu pai. Por ter derrotado Chronos, que simbolizava o tempo, Zeus e seus irmãos tornaram-se imortais.

Kairós era o filho mais novo de Zeus e de Tique, que era a deusa da sorte e da fortuna. Ele era um jovem belo e com apenas um tufo de cabelo na testa; um atleta tão ágil que era praticamente impossível persegui-lo. Entre os romanos, Kairós começou a ser chamado de Tempus, representando o breve momento em que as coisas são possíveis.

Kairós é o tempo que não pertence a Chronos, não pode ser previsto nem cronometrado. Kairós é oportunidade.

Na filosofia, Chronos era descrito como o senhor do tempo comandado pelo relógio (Figura 13). O tempo de Chronos, assim, é aquele que limita as quantidades do que fazemos diariamente; a humanidade fica dependente dele. Já Kairós é o

jovem destemido que não se importa com o relógio. Para ele, as coisas acontecem sem hora marcada e com leveza.

Pensando em nossa rotina diária, será que ainda temos dúvidas de quem nos rege: Chronos ou Kairós? Vivemos uma correria vinda de trabalho, burocracias, cronogramas, prazos determinados, mas em algum momento deixamos viver o tempo de qualidade, valorizando e qualificando cada instante, com menos regra e mais leveza? E nas escolas, que tempo vivemos?

Passar do tempo institucional e contado (Chronos) na escola para o tempo do aluno (Kairós) gera uma nova ordem, que não é o ordenamento aprendido e apreendido pela maioria dos educadores, no entanto, conforme foi indicado, há um espaço na escola para que se possa modificar hábitos arraigados, rever tempos e práticas em uma nova organização temporal. Ao contrário, se é possível aceitar que o homem dominou o tempo e o tempo o dominou, devemos afirmar que Chronos se transformou em Ciência e aprisionou Kairós no seu processo civilizatório? Estaria a escola irremediavelmente presa aos tempos que lhe são dados? Estão os tempos cronológicos da escola escravizando as práticas cotidianas? (FERREIRA; ARCO-VERDE, 2001, p. 14-15).

Figura 13 - Representação imagética de Chronos e Kairós.



Fonte: 8diálogos, [2020].

A sensação de que não temos tempo ou de que o perdemos com tantos afazeres, permeia nossa vida cotidiana. Nesse contexto real, as escolas conseguiriam, depois de tanto aprendizado advindo da pandemia, fazer tempos diferentes? São tantas interrogações, mas a certeza é de que “temos todo o tempo do mundo”, como a música da banda Legião Urbana enfatiza e podemos, sim, fazer nosso próprio tempo acontecer.

### 3.3 RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO, EDUCADORES E TEMPO



#### **Novo Tempo**

*No novo tempo  
Apesar dos castigos  
Estamos crescidos  
Estamos atentos  
Estamos mais vivos*

*Pra nos socorrer  
Pra nos socorrer  
Pra nos socorrer*

*No novo tempo  
Apesar dos perigos  
Da força mais bruta  
Da noite que assusta  
Estamos na luta*

*Pra sobreviver  
Pra sobreviver  
Pra sobreviver*

*Pra que nossa esperança  
Seja mais que a vingança  
Seja sempre um caminho  
Que se deixa de herança*

*Ivan Lins*

Quem nunca ouviu falar do coelho da história de Alice no país das maravilhas? Certamente ele é bem conhecido no mundo educacional por dois motivos: o primeiro, porque é um conto infantil e o segundo... ah, o segundo... é nossa profunda identificação, como professores, com uma marcante característica deste personagem: a correria!!!

É muito provável que, ao conversar com um professor, sua maior queixa seja o trabalho insano com falta de tempo exacerbada. Importante destacar a explicação do tempo linear e seus ritmos:

O tempo linear pode ter vários ritmos e cada um deles permite diferentes experiências sociais. Mas, sobretudo depois da primeira revolução industrial (cerca de 1830), o ritmo privilegiado passou a ser o da constante aceleração. A segunda e terceira revoluções industriais foram instâncias de crescente aceleração; a quarta revolução industrial (inteligência artificial), que está à porta, terá certamente o mesmo efeito. Hoje, viver com o tempo é viver contra o tempo, gerir o tempo é gerir a falta de tempo. Tal como na economia capitalista, a produção de escassez é o princípio básico do funcionamento do tempo no século XXI. (SANTOS, 2021, parágrafo 5).

Voltando à Alice, o coelho mágico repete, insistentemente, que está atrasado (Figura 14). Seu relógio é enorme e parece que tem uma mensagem oculta para cada um de nós: somos reféns do tempo. Esta é uma característica do mundo atual, de maneira geral, mas mais precisamente na educação isso pode ser visto muito claramente. Estamos em constante luta contra o relógio, vivemos acreditando que deveríamos fazer mais ou, nos sobrecarregamos tanto, que desenvolvemos ao longo do tempo ansiedade, irritação e sensação de que o tempo passa muito rápido.

Figura 14 - O coelho e seu relógio – Alice no país das maravilhas.



Fonte: RING, 2016.

Quando o ser humano tenta superar suas capacidades físicas e mentais sem buscar o equilíbrio, acaba se tornando seu próprio inimigo. A correria da vida nos impede de enxergar a beleza que existe no momento presente. A correria da vida inviabiliza o autocuidado, que nada mais é do que nossa capacidade de trazer saúde para mente e corpo.

Segundo Hargreaves (1998), a escassez do tempo para realizar e desenvolver atividades que enriqueçam o trabalho é uma queixa comum entre os professores e uma componente chave do processo de intensificação.

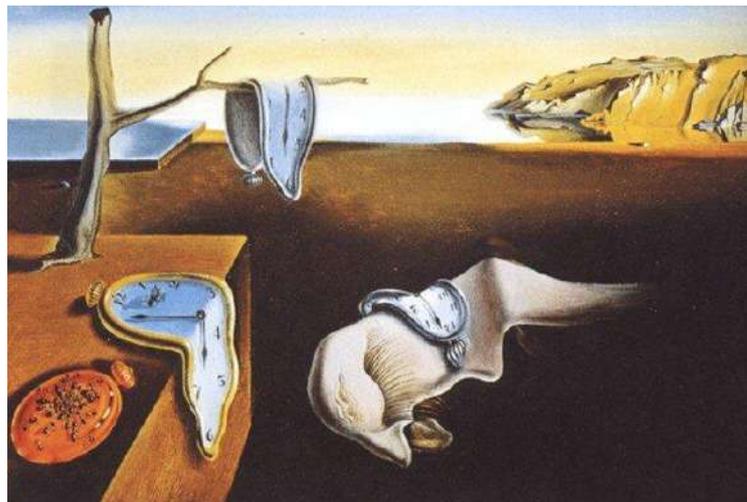
O tempo linear não tem fim, mas devo destacar aqui, também, o instante e a eternidade. Estes têm ocupado significativo espaço, o que pode gerar risco para a concepção do tempo linear. O instante tem sua apropriação nas novas tecnologias de comunicação e informação; a capacidade de concentração de seres humanos é, assustadoramente, cada vez menor. “Por via da proliferação do instante e da

eternidade, o tempo linear vai perdendo espaço. Talvez a sua aceleração seja um esforço desesperado para disfarçar ou combater a sua estagnação [...]” (SANTOS, 2021, parágrafo 8).

É possível vivermos um novo tempo, como diz a letra da música de abertura deste subcapítulo? Com a pandemia, muito do que pensávamos ser impossível, acabou sendo não só possível, mas necessário. “Apesar dos perigos, estamos na luta pra sobreviver” e nossa esperança já vem sendo um grande caminho a percorrer.

### 3.4 E O QUE A PANDEMIA TEM A VER COM O TEMPO?

Figura 15 - A persistência da memória - Salvador Dalí.



Fonte: Wikipédia,[s.d.].

Começamos este subcapítulo analisando uma obra de arte famosa: ‘A persistência da memória’, de Salvador Dalí (Figura 15). Ela está exposta em Nova York desde 1934 e foi pintada em 1931, após uma indisposição para ir ao cinema. Esta obra está relacionada à mensagem de temporalidade e memória.

Os relógios de Dalí aparentam, em sua maioria, estarem derretendo, assim representando um tempo que passa de forma diferente. Eles possuem marcações distintas, pois os ponteiros também estão derretidos e assim, proporcionam uma noção distorcida das horas.

Estamos extremamente acostumados com os relógios, porém, Dalí acaba causando-nos estranheza e isso acaba levando-nos a uma reflexão sobre o objeto,

seu uso e sua função. Mesmo sem prestarmos muita atenção aos relógios, são eles que marcam nossos passos e compromissos. Quando Dalí muda a forma dos relógios, faz-nos perceber o quão importante é este objeto no percurso de nossa vida. A noção subjetiva do tempo é claramente percebida neste quadro.

A pandemia, de certo modo, nos fez parar. Parar nossas atividades diárias, parar nossas viagens, passeios, encontros... “A pandemia do novo coronavírus desregulou os tempos individuais e coletivos. Os privilegiados que puderam continuar a trabalhar por meio de teletrabalho fecharam-se em casa [...] e trabalharam ainda mais intensamente [...]” (SANTOS, 2021, p. 15).

E nós, professores? Não tínhamos mais a obrigação de sair de casa para dar aula de escola em escola, cumprindo carga horária extremamente exaustiva. Porém, a escola veio para dentro de nossas casas. Foi preciso aprender um novo jeito de ensinar. E o tempo... conseguiu ficar ainda mais corrido e curto.

O tempo afeta nosso viver. Estamos presos ao relógio, sempre estivemos. A pandemia conseguiu desacelerar isso, mas ao mesmo tempo... acelerou. Os relógios de Dalí parecem ter saído de seu quadro para reger nosso tempo pandêmico. Passado, presente e futuro ficaram confusos... nós ficamos confusos...

Falemos, então, sobre o vírus e o tempo! Segundo Santos (2020), o passado pode ajudar a lidar com as crises epidêmicas contemporâneas, sobretudo na prevenção de doenças futuras. Ele afirma que o vírus é um reciclador que liga o presente a passados mais remotos: o vírus é tido como inimigo, mensageiro e pedagogo. Assim, podemos dizer que ele mata, portanto é como se estivéssemos em uma guerra com o invisível; ele traz uma mensagem muito importante com relação à natureza que é a ideia de que, em caso de conflito, a vida não humana continuará no planeta mesmo que a vida humana acabe. Ele é pedagogo pois nos ensina exatamente isto: ou cuidamos do planeta, mudando nossas atitudes e formando a consciência da importância da cidadania planetária, ou não sobreviveremos. O planeta pode continuar a viver sem os seres humanos, nós é que não podemos continuar a viver sem ele.

O coronavírus alimenta a vertente pessimista da contemporaneidade, e isso deve ser tomado em conta no período imediatamente pós-pandêmico. Muita gente não vai querer pensar em alternativas de um mundo mais livre de vírus. Vai querer o regresso ao normal a todo custo por estar convencido que qualquer mudança será para pior. À narrativa do medo haverá que contrapor a narrativa da esperança. A disputa entre as duas narrativas será

decisiva. Como for decidida determinará se queremos ou não continuar a ter direito a um futuro melhor [...] (SANTOS, 2020, p. 45).

A expressão ‘tempos de pandemia’ foi (e ainda é) extremamente utilizada em reportagens, *lives*, encontros, seminários e afins. Engraçado ou não, a pandemia fez uma reviravolta na noção de tempo: não é estranho que, às vezes, parece que o “tempo voa” e outras vezes, ele parece, simplesmente, que não passa? Durante o isolamento, perdemos a noção de tempo cronológico, muitas vezes não sabíamos nem qual era o dia da semana. Agora, quase quatro anos após o início desse período, parece que o tempo ainda está inconstante.

Durante as entrevistas, os oito professores pontuaram diferentes questões sobre o tempo, questões estas que levam ao ponto de que a falta dele prejudica o bom andamento de seu profissionalismo.

A Professora 5 explica que:

*Antes da pandemia já percebíamos muitas coisas que agora se intensificaram ainda mais. O cuidado é essencial, mas o tempo que temos se torna escasso para tanta demanda. [...] Precisamos investir mais nos professores, está difícil fazermos tanta coisa sem tempo.*

A Professora 3. pontua que os profissionais estão sobrecarregados e o que os falta é apoio. Já a 8 aponta que “[...] é preciso termos mais tempo disponível para tantas coisas [...]”.

Além disso, a Professora 7 traz o tempo como um problema para a formação continuada: “*Maior desafio é tempo para formação, a gente acaba se distanciando disso [...]*”.

A questão do tempo apareceu, também, em outra vertente pela Professora 2, ela diz que: “*A parceria dos pais com a escola faz muita falta! Hoje em dia, a família está depositando toda a responsabilidade na escola, por não ter tempo de cuidar de seus filhos ou por faltar paciência para tal.*”

Com isso, podemos perceber que o tempo, ou melhor, a falta dele, tem uma forte relação com sobrecarga de trabalho, com formação continuada dos professores e até com a família dos educandos.

Uma vez reconhecido aquilo que o tempo significa para os professores tanto do ponto de vista quantitativo quando do qualitativo, parecem existir razões mais fortes para lhes devolver esse tempo e para lhes atribuir tarefas significativas que neles possam realizar. Se o fizermos, então o tempo pode deixar de ser o inimigo da liberdade dos professores, para passar a ser um companheiro que os apoia [...] (HARGREAVES, 1998, p 128).

A Professora 6 diz que durante o período de isolamento social sua maior dificuldade foi se desconectar:

*[...] porque muitas vezes eu tinha passado do meu horário de trabalho, tinha essa sobrecarga de trabalho. Eu estava muito preocupada, envolvida, acelerada e não conseguia me desconectar. Nosso horário de trabalho era muito mais estendido. Era manhã, tarde e noite, mensagens, whatsapp [...] tanto por parte da equipe e muito por parte dos pais e você não sabia a hora de parar, se distanciar, ter seu momento de descanso, se afastar de todo aquele trabalho, aquelas mensagens que chegavam a qualquer hora do dia.*

## 4 MAS SEMPRE FOI ASSIM!



### **Cotidiano**

*Todo dia ela faz tudo sempre igual  
Me sacode às seis horas da manhã  
Me sorri um sorriso pontual  
E me beija com a boca de hortelã*

*Todo dia ela diz que é pr'eu me cuidar  
E essas coisas que diz toda mulher  
Diz que está me esperando pr'o jantar  
E me beija com a boca de café*

*Todo dia eu só penso em poder parar  
Meio-dia eu só penso em dizer não  
Depois penso na vida pra levar  
E me calo com a boca de feijão*

*Seis da tarde como era de se esperar  
Ela pega e me espera no portão  
Diz que está muito louca pra beijar  
E me beija com a boca de paixão*

*Toda noite ela diz pr'eu não me afastar  
Meia-noite ela jura eterno amor  
E me aperta pr'eu quase sufocar  
E me morde com a boca de pavor*

*Chico Buarque*

O presente capítulo trata das mudanças na escola: aborda a história da Educação, traz reflexões sobre zona de conforto e, também, a importância de uma metamorfose no ambiente educacional para os novos tempos.

### 4.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL E NO MUNDO

Se formos desafiados a fecharmos nossos olhos e imaginarmos uma escola, certamente nossos pensamentos nos levarão ao que já nos é conhecido há muitos anos: edifício dividido em salas de aula, com alunos divididos em turmas por faixa etária. Há, também, carteiras escolares, talvez dispostas em fileiras, viradas para um quadro onde o professor - ou a professora - “dá” aula.

De fato, quando pensamos em organização educacional, vemos que essa é a ilustração que a representa no mundo pelos últimos 150 anos.

A escola, tal qual a conhecemos, teve seu modelo edificado no século XIX e atravessou o século XX sem muitas mudanças significativas. Ela chega ao século XXI com algumas fragilidades aparentes, porém a pandemia, avassaladoramente, impõe uma grande transformação. Pelo menos por algum período de tempo.

De repente, o que era visto como impossível, transformou-se em poucos dias: diferentes espaços de aprendizagem, sobretudo em casa; diferentes horários de estudo e trabalho; diferentes métodos de trabalho; diferentes métodos pedagógicos, sobretudo através de ensino remoto; diferentes procedimentos de avaliação, etc. A necessidade impôs-se à inércia, ainda que com soluções frágeis e precárias (NÓVOA, 2022, p. 25).

Como lições deste tempo pandêmico, podemos falar, por exemplo, dos sistemas escolares, das escolas e da pedagogia como um todo: de maneira geral, os sistemas públicos de ensino mostraram fragilidade e ficaram dependentes até de plataformas e conteúdo de empresas privadas; as escolas tiveram que buscar soluções rápidas que conseguissem manter o vínculo com seus estudantes e, assim, perceber a importância dos laços entre família, escola e alunos; sobre os professores o que podemos afirmar, sem sombra de dúvidas, é que conseguiram avançar, aprender, ressignificar muitos dos antigos engessamentos da docência; eles foram essenciais para que o processo educativo não parasse.

Na entrevista desta pesquisa, a Professora 3 reforça isso ao me dizer que:

*Precisei ser equilibrista porque a pandemia me desafiou a ter que adaptar o ensino para os alunos de diversas formas, até as que não era familiarizada! Precisei manter as demandas que já tinha e as novas em equilíbrio e isso não foi nada fácil. Manter tudo em equilíbrio... andar em uma corda bamba carregando as suas expectativas e a dos outros... às vezes a conta não fecha, sabe?*

Já a Professora 1 diz, ainda que “[...] a maior dificuldade foi dar aulas em um computador com os pais presentes e dando opiniões sobre o meu trabalho. Isso dificultou demais o andamento das aulas [...]”.

A Professora 6 ressalta que “[...]ter que aprender ‘de uma hora pra outra’ a lidar com a tecnologia e a ficar longe da sala de aula, do colégio, do olho no olho, do toque, do colo... foi simplesmente horrível[...]”.

## 4.2 A FAMOSA ZONA DE CONFORTO

A frase que intitula este capítulo, “Mas sempre foi assim!”, é uma das que mais ouço nas escolas. A realidade é que estávamos acostumados a um modelo educacional histórico, do qual tínhamos restrições para nos afastarmos. E por que é mais fácil fazer o que sempre fizemos (e o que fizeram nossos antepassados) do que buscar o novo? Muito disso deve-se à zona de conforto.

A zona de conforto é caracterizada por determinados costumes, ações e comportamentos de uma pessoa. Nela, não há medo nem risco, assim também não há qualquer tipo de ansiedade. Nenhuma pessoa, em sua zona de conforto, sente-se ameaçada. Como Chico bem coloca em sua música “Cotidiano”, ‘todo dia ela faz tudo sempre igual’... e a grande reflexão é: até que ponto isso é positivo? Pudemos perceber que tempos de instabilidade foram capazes de trazer-nos grandes aprendizagens, talvez as maiores de todos os tempos, aquelas de que nunca esperávamos.

Essa famosa zona é um tema muito discutido na Psicologia, isto porque a segurança proporcionada por ela pode ser falsa. Quando ocorre uma mudança brusca, como, por exemplo, a chegada de uma pandemia, o choque é ainda maior para quem não está preparado.

Sendo assim, é de extrema importância que tenhamos consciência de que trabalhar fora da zona de conforto é essencial para realizarmos os avanços necessários. Falando mais especificamente sobre professores e Educação, torna-se ainda mais importante este fato, visto que o mundo está em transformação e a escola faz parte do mundo! “O mundo não é, o mundo está sendo [...]” (Freire, 1987, *apud* FREIRE, 2021). Tendo esse pensamento, as mudanças passam a ser mais leves para todos os envolvidos: alunos, famílias, professores e até gestores podem ser beneficiados.

Criamos uma cultura engessada do cotidiano escolar. As pessoas acreditam, em pleno século XXI, que aula é sinônimo de cópia no quadro e atividades em papel. Quando passamos as atividades através de vídeos, por meio do canal que a escola criou no YouTube, os responsáveis se recusam a acreditar que os alunos estejam aprendendo através delas. Eles querem o papel, a repetição e a decoreba. E a culpa disso é nossa [...] Nós sabemos que existem muitas formas de ensinar. Então, por que nos mantemos presos a essa rotina enfadonha? [...] Aos poucos, alguns colegas vão conseguindo sair da sua zona de conforto. Outros, não [...] (CASTRO, 2023, p. 138).

É possível perceber, claramente, a questão da zona de conforto nas entrevistas realizadas. A Professora 7, por exemplo, explica que “[...] queria que a vida voltasse logo ao normal, aquela rotina de sempre, da sala de aula arrumada do meu jeito... enfim, queria que acabasse logo o período ruim para poder ‘dar aula de novo!’”

Ao mesmo tempo, também ficou notório, em algumas falas, que a vontade de sair da zona de conforto é grande. A Professora 4 diz que “[...] a busca por novas formas de ensinar foi algo que me estimulou muito e continuou até hoje, mesmo fora do isolamento [...]”.

Uma importante reflexão foi trazida pela Professora 3 durante a entrevista:

*[...] ao olharmos para a realidade da educação, principalmente a brasileira, continuamos a praticar a forma como fomos ensinados. Por que acabamos repetindo, sem querer ou perceber, o que condenamos? Por isso que a prática do professor regente é um infinito reajuste [...] Um dos maiores erros da escola é não querer se encaixar nas mudanças que temos na sociedade.*

“O trabalho pedagógico é definido pela imprevisibilidade, pela capacidade de os professores darem respostas e tomarem decisões em face de cada nova situação [...]” (NÓVOA, 2023, p. 66). Com certeza tivemos que sair abruptamente da nossa zona de conforto e aprender com isso. E agora, o desafio é nos reinventarmos a cada dia, buscando uma grande metamorfose no mundo educacional.

Ainda segundo NÓVOA (2023, p.47), “[...] os acasos não surgem por acaso. São os acontecimentos vulgares e cotidianos que dão sentido à educação. É neles que reside a possibilidade de um conhecimento profissional docente [...]”.

#### 4.3 MUDANÇAS/METAMORFOSE NA ESCOLA – UTOPIA OU NECESSIDADE?



##### **Metamorfose ambulante**

*Prefiro ser essa metamorfose ambulante  
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes  
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Sobre o que é o amor  
Sobre que eu nem sei quem sou  
Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou*

*Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor  
 Lhe tenho amor  
 Lhe tenho horror  
 Lhe faço amor  
 Eu sou um ator  
 É chato chegar a um objetivo num instante  
 Eu quero viver nessa metamorfose ambulante  
 Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
 Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
 Raul Seixas*

Metamorfose é diferente de mudança. As duas palavras não são sinônimas. Na mudança algumas coisas permanecem iguais, nem tudo muda ao mesmo tempo. Na metamorfose, tudo é mais radical: não há mais certezas e, com ela, surge algo totalmente novo. Segundo Sanches (2021), a metamorfose do mundo significa que aquilo que ontem era impensável, hoje é real e possível.

E não é assim que estamos vivendo nas escolas desde março de 2020? Quando poderíamos imaginar a escola física fechada e nossas casas virando salas de aulas completamente virtuais e diferentes de tudo antes vivido? Impactos são sentidos nas fortes metamorfoses e nessa, obviamente, não seria diferente. Sentimentos de medo, mal estar, impotência, insegurança... tudo isso passou, em algum momento, por nós no mundo educacional pandêmico. Vivemos tempos de interregno (BAUMAN, 2021), vivemos entre a incerteza e a esperança.

O que coloco em pauta, neste momento, é o modelo escolar que se consolidou ao longo dos últimos 150 anos. A escola como espaço de construção de aprendizagem é necessária em qualquer tempo, em qualquer século. Ela tem um papel vital que é a construção de uma vida coletiva. Então... “O que nos mobiliza não é anunciar a morte desta escola, é enunciar o surgimento de uma outra escola[...]. Voltar à normalidade? Não! Este é o tempo de inventar, isto é, de construir coletivamente uma outra educação” (NÓVOA, 2022, p. 52). A escola deve ser, pois, o local em que alunos e alunas conseguem construir sua capacidade de pensar.

A ideia que Nóvoa (2022) nos traz é a de que é necessário repensarmos o modelo escolar conhecido, pois ele já não nos serve mais. Segundo ele, é extremamente necessário um espaço público da Educação, espaço este de democracia e escuta de toda a comunidade escolar. Além disso, faz-se necessária a criação de diferentes espaços de aprendizagem, os quais devem permitir que haja projetos de investigação, nos quais os alunos são protagonistas de sua

aprendizagem e os professores, mediadores fundamentais nesse processo. Para isso, o trabalho deve ser presencial e, também, digital.

Professores bem preparados, com autonomia, trabalhando em conjunto, dentro e fora do espaço escolar, em ligação com as famílias, são sempre a melhor garantia de soluções oportunas e adequadas [...] há muito dizemos que é preciso fazer: envolvimento e participação dos alunos, valorização do estudo e da pesquisa, aprendizagens colaborativas, currículo integrado e multitemático, diferenciação pedagógica, etc. (NÓVOA, 2020, p. 27).

Assim, neste período pós-pandêmico, só temos que confirmar que a metamorfose está posta e que é importante termos consciência para podermos efetivá-la da melhor maneira para todos.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado. (ALVES, 2009, p. 29-32).

E... se Raul Seixas já preferia ser metamorfose ambulante... Por que será que nós não? Muitas vezes ainda ficamos engessados naquela velha opinião formada sobre tudo... mas quem sabe depois da reviravolta que a pandemia nos trouxe, consigamos aprender e encorajar a arte do voo?

#### 4.4 BEM-ESTAR NAS ESCOLAS

*Muito se tem falado sobre o sofrimento dos professores. Eu, que ando sempre na direção oposta, e acredito que a verdade se encontra no avesso das coisas, quero falar sobre o contrário: a alegria de ser professor, pois o sofrimento de ser professor é semelhante ao sofrimento das dores de um parto: a mãe o aceita e logo dele se esquece, pela alegria de dar à luz um filho.*

*Rubem Alves*

Nessa grande metamorfose que está acontecendo nas escolas é de extrema importância que pensemos no quanto é significativo envolvermos o bem-estar em todos os aspectos. Primeiramente, pensemos a respeito do sofrimento. Realmente na pandemia, a grande maioria de nós, professores, estava sofrendo na profissão.

Apesar disso, o tempo foi passando e nos mostrou que as aprendizagens foram tão reais e significativas, que a alegria também se apresentou, firme e forte, mesmo em meio ao momento caótico, assim como bem escreveu Rubem Alves.

Infelizmente, o que vemos na Educação, há muitos anos, tradicionalmente falando, são crianças desaprendendo, em um currículo extremamente engessado e numa sala de aula nada atrativa, ou seja: vemos o mal-estar. O que precisamos é do oposto disso, pois “[...] bem-estar, felicidade e realização são apenas a cereja no bolo da aprendizagem e da realização. Eles são essenciais para atingir os objetivos acadêmicos” (HARGREAVES; SHIRLEY, 2023, p. 2). Ainda segundo os autores, a pandemia assegurou que o bem-estar pode permanecer no topo das nossas prioridades educacionais nos próximos anos.

O bem-estar é importante em todas as áreas da vida, mas especialmente no desenvolvimento dos jovens. Sabemos que eles se sentem bem quando gostam da sua aprendizagem, anseiam por vir à escola e se sentem valorizados por suas famílias e amigos. Todos nós queremos que eles experimentem alegria, que prosperem física e emocionalmente e que tenham voz em seu processo de ensino aprendizagem e em seu futuro. (HARGREAVES; SHIRLEY, 2023, p. 1).

Importante trazermos para a pauta a ideia de que as escolas são, também, ambientes de desenvolvimento emocional e moral. Elas não são somente espaços de aprendizagem de conteúdo. Nesse sentido, reforço o quão considerável é o fato de que, durante o isolamento social, muito mais do que perda de conteúdos, tivemos a perda da socialização. Não é à toa que muitos professores relatam que os alunos voltaram para as escolas, presencialmente, sem modos de convivência. Uma das entrevistadas nesta pesquisa, a Professora 8, percebeu o quanto as crianças estavam fragilizadas com relação a pequenas coisas do cotidiano.

*Não com relação a aprendizagem, mas em relação aos afazeres, as práticas de pegar as coisas, abrir o lanche com autonomia, ouvir o colega [...] eles tinham muita dificuldade com as coisas práticas, né? Com certeza a família não treinou essa autonomia com eles, e os fazeres práticos da vida cotidiana que são muito trabalhados na escola, estavam muito fragilizados.*

É interessante salientar que os professores, em sua grande maioria, querem ver a felicidade em seus alunos. Não é comum, hoje em dia, termos professores maldosos que simplesmente querem ver o fracasso dos estudantes, como em uma não tão distante época. Assim afirmam também os oito professores da entrevista: todos buscam melhorias para os ambientes de aprendizagem, sejam eles quais

forem, com o objetivo de busca de bem-estar, proporcionando aprendizagem não só significativa, mas também prazerosa.

Embora os argumentos sobre a aprendizagem on-line reforcem que pode ser organizada em qualquer lugar, a qualquer momento após a pandemia, a verdade inegável é que, se as escolas físicas forem fechadas, as crianças e os adolescentes podem ficar desconectados de muitas das pessoas que são importantes para eles e seu desenvolvimento. O bem-estar é uma parte essencial da educação e uma parte inestimável do crescimento. Nós o ignoramos por nossa conta e risco (HARGREAVES; SHIRLEY, 2023, p.2).

Está mais do que na hora de repensarmos “a escola como ela sempre foi”.

O mais importante é a construção de ambientes educativos coerentes, que permitam concretizar o que, há muito, dizemos que é preciso fazer: envolvimento e participação dos alunos, valorização do estudo e da pesquisa, aprendizagens cooperativas, currículo integrado e multitemático, diferenciação pedagógica, etc. Podemos estar a caminhar no sentido da desintegração da escola, de um cada vez maior consumismo na educação, e grande parte das respostas dadas à crise do COVID-19 reforçam esta tendência. Mas a metamorfose ainda é possível, como se percebe em muitas iniciativas tomadas por professores e por escolas, que foram capazes de reinventar a pedagogia e os ambientes de aprendizagem, reforçando as dimensões públicas e comuns da Educação. (NÓVOA, 2020, p.27).

Sentir-se bem na escola não pode ser só uma questão de tirar boas notas.

## 5 O DESAFIADOR PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA ATUALIDADE

Este capítulo aborda questões atuais que afetam, diretamente, o processo de ensino aprendizagem na contemporaneidade. Primeiramente, trago o conceito do que vem a ser contemporâneo, para depois conversar sobre as diferentes gerações e no que elas podem interferir em nossos modelos escolares. Para finalizar, uma questão significativa é posta: a tecnologia e suas influências em nosso dia a dia.

### 5.1 CONTEMPORANEIDADE

Uma pausa neste momento para entendermos melhor o que é essa contemporaneidade, que trago para este capítulo, pois acredito que tenha muita relevância. Este substantivo feminino fala sobre a ‘qualidade de existir ao mesmo tempo’, tratando do que acontece na época presente. E o que é este presente que estamos vivendo agora? Temos uma sociedade sem tempo, conforme o capítulo três tratou, e temos algo muito interessante jamais visto anteriormente na história: temos três gerações convivendo e trocando experiências, devido ao aumento da expectativa de vida da população.

Não podemos negar o tamanho impacto das mudanças tecnológicas, comunicacionais, educacionais, históricas e culturais na forma que consumimos conteúdo. Por que com a escola, com a leitura e até com a escrita seria diferente? Importante ressaltar que livros não são para as estantes, mas sim para as pessoas. Se as pessoas estão em processo de mudança, não deveríamos, então, pensar em como é esse acesso à leitura, de maneira geral? Leitura é mais do que livro, ela é considerada conexão de ideias e de pensamentos.

Segundo Bauman (2021), estamos vivendo a realidade da “modernidade líquida”. De acordo com o autor, nada do que vivemos é fixo, tudo é passível de mudança. Sendo assim, nós devemos mudar também.

Um outro autor de fundamental importância no viés desse tema é Hans Ulrich Gumbrecht, professor emérito da Universidade de Stanford. Ele traz três conceitos que nos fazem pensar acerca da realidade: a destemporalização, a destotalização e a desreferencialização.

Na destemporalização, rompe-se com a concepção de um tempo linear e determinista. É a diluição do passado – presente – futuro. Temos uma outra relação com o tempo. [...] Na destotalização, vemos o fim das teorias universais que explicam tudo. Hoje buscamos explicações nas mais diversas fontes. [...] Mas não acabou, ainda temos a desreferencialização. Perdemos cada vez mais o contato direto, a fricção do corpo humano com o que se costumava denominar “natureza”, matéria. Temos a impressão de que nos movemos num espaço pleno de representações que já não contam com a referência segura de um mundo externo (SANCHES, 2021, p. 19).

Esses três conceitos nos levam a questionamentos e reflexões bastante desafiadoras. Com relação a destemporalização, pensemos em nossa forma de consumir, o quanto ela mudou. Hoje não preciso, por exemplo, ver novelas e esperar pelo próximo capítulo; hoje tenho acesso aos episódios de séries e escolho a maneira que quero ver. Difícil lidar com isso na escola? O conteúdo está “nas mãos” dos estudantes sem que eles precisem esperar a hora para tal! Já a destotalização nos leva a pensar que já não temos mais como afirmar que a escola é a única fonte de aprendizagem dos alunos, simplesmente porque não é! E como rever nossa prática enquanto professores que precisam encarar a desreferencialização? Quando nossas referências de mundo mudaram e estão mudando a cada momento? Quando o mundo digital atravessa nossos dias de maneira tão insana?

Além desses conceitos, trago aqui também mais dois que acabaram sendo impostos pela pandemia de COVID-19: a imprevisibilidade e a adaptabilidade. Tudo está em permanente processo de mudança. A vida é sempre um aprendizado e nós precisamos nos adaptar inclusive ao que nunca imaginamos antes.

Como podemos traçar um plano de Educação sem refletir sobre o passado – presente – futuro? Como propor um projeto de formação leitora sem analisar os impactos que estamos todos atravessando? É justamente por transformarmos as salas de aula com suas disciplinas em ilhas, em bolhas, que muitos alunos dizem que os conteúdos que aprendem na escola são descontextualizados da realidade. (SANCHES, 2021, p. 21).

Pensando nisso, acredito que a Educação precisa de real transformação. Quando estamos envolvidos em Educação, estamos em constante busca de sentido. Não há como pensar nas escolas do século XXI sem leitura, então busquemos estratégias para atualizar nossas mentes e não nos perdermos do foco principal.

## 5.2 UM PASSEIO PELAS GERAÇÕES

Importante pensar em quem são estes alunos que hoje, neste mundo de mudanças e metamorfoses, estão em nossas escolas, como está ilustrado em infográfico na figura 16.

Figura 16- Infográfico das gerações.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Essa é uma classificação geracional que tem expressão mundial ao tratar da relação dos indivíduos com a cibercultura. A nomenclatura foi dividida de acordo com o tempo cronológico, porém ela vai muito além disso. A divisão leva em conta, principalmente, o comportamento dos indivíduos.

De acordo com essa divisão, as crianças da escola hoje são da Geração Alpha.

O termo Alpha é uma denominação do sociólogo australiano Mark Mc Crindle para caracterizar as crianças nascidas a partir do ano de 2010, que já crescem imersas no digital. Esta geração é filhote da geração Y, por isso podemos reconhecer que são mais estimulados a interagir em multiplataformas desde bem pequenos. A geração que antecede a Alpha é representada pela última letra do alfabeto, a letra Z. Mc Crindle batizou esse grupo de crianças de Alpha por dois motivos: por se tratar de uma geração do momento atual com a viabilidade de começar um novo ciclo e porque a palavra Alpha é a primeira letra do alfabeto grego e simboliza o início. (SANCHES, 2021, p. 31).

A geração Alpha tem muitas características significativas que devem ser levadas em conta no meio educacional. Estes pequenos indivíduos são: inovadores, criativos, abertos, conectados, colaborativos, livres e questionadores. Por que não conseguimos valorizar estas características, aproveitando-as inclusive para os momentos de ensino aprendizagem? Crianças pequenas, na faixa da Educação Infantil, perguntam muito, mas depois que crescem, vão perdendo isso. O que acontece?

No ciclo básico elas praticamente param de perguntar. Por que isso acontece? Simples: quando os alunos chegam no Ensino Fundamental, nós despejamos neles uma tonelada de informações para enchê-los e alimentá-los com respostas a perguntas que nem fizeram ainda. E aí devemos acender um grande sinal de alerta: quando as crianças param de questionar, imediatamente diminui também o interesse pela escola. E, ainda mais grave, elas passam a ter menos interesse pela descoberta e pelo conhecimento. (SANCHES, 2021, p. 33).

As professoras entrevistadas nesta pesquisa trouxeram pontos importantes que estão ligados ao referido tema. A Professora 7 explica que não está sendo fácil conseguir a atenção de seus alunos e alunas:

*Saber o que faz um aluno ser engajado na escola, atualmente, é muito difícil. Eu sempre fui excelente aluna, gostava de estudar, amava livros, mas eu sou de outra geração. Essa geração de agora tem muita tentação fora da escola, então infelizmente por um lado a escola tem que ficar parecida com o mundo externo (em relação a besteiras, em relação a coisas que não tem a ver com educação). O que eles começam a achar? Quando eu dou uma matéria, tipo Matemática, Português, História, Geografia, eles acham uma coisa chata. Porque eu não tô passando um filme, eu não tô dançando, não tô fazendo TikTok, não tô fazendo um jogo eletrônico. Então, pra eles, tem que ter sempre esse lado. Eles não conseguem mais separar: hora de estudar, hora de brincar. Então, o que a gente tem que fazer hoje em dia? Grande desafio fazer algo que eles se interessem. Pior que pra alguns, tudo*

*o que eu faço é interessante, enquanto que pra outros não! Então eu tento colocar um filme, um desenho, algo que eu puxe para o assunto da aula.*

A Professora 2 também relata que “[...] essas novas gerações estão nos desafiando no sentido de que preciso ficar buscando maneiras de atrair as crianças para a aula. Tenho tentado descobrir e colocar em prática novos recursos para aproximar os conteúdos dos estudantes [...]”.

Esse pensamento é reafirmado pela Professora 4, que diz que “[...] é necessário nos conectarmos com as novas gerações, porque senão nem o vínculo de professor e aluno conseguimos mais [...]”.

É preciso entendermos as características das diferentes gerações e, assim, colocarmos o mundo da escola o mais próximo possível desta realidade. Não tem como fugirmos de determinados pontos, como é o caso da tecnologia, tratada no subcapítulo a seguir.

### 5.3 TECNOLOGIA

É inegável que a presença real da tecnologia digital é cada vez mais forte em nossos dias, em todos os sentidos. As pessoas estão cada vez mais conectadas, há uma intensa expansão do uso de aplicativos para transporte, para comida, para vendas, enfim, para quase tudo o que “precisamos”. O acesso rápido às informações torna o ser humano cada vez mais dependente dos recursos digitais. É inacreditável pensarmos que, há tão pouco tempo, nada disso existia... e hoje não nos vemos sem.

É de fundamental importância termos clareza de que o mundo digital tem que estar ligado ao mundo do conhecimento, assim sendo um caminho fluido para a cidadania consciente.

#### 5.3.1 Tecnologia, Escolas e Pandemia

*O ideal da educação não é aprender ao máximo, maximizar os resultados,  
Mas é antes de tudo aprender a aprender, é aprender a se desenvolver  
E aprender a continuar a se desenvolver depois da escola.*

*Jean Piaget*

Podemos afirmar que o uso da tecnologia nas escolas sempre gerou discussões polêmicas: de um lado, defensores diziam que a tecnologia digital gera engajamento nos alunos, estimulando a inovação e quebrando o modelo antigo das escolas fabris<sup>6</sup>; de outro lado, os opositores consideravam a tecnologia como distração para os alunos e banalização da aprendizagem e trabalho dos professores.

Essa já era uma discussão muito anterior à pandemia.

Nos últimos anos, a aceleração do desenvolvimento tecnológico tem acentuado de maneira enfática o aspecto essencialmente mutante da cultura contemporânea, o que implica dizer que o modelo de ensino vigente não corresponde mais à realidade e às necessidades do contexto sociocultural da história recente. As inovações tecnológicas, os modelos de negócios adotados e em expansão, as novas organizações familiares e as mudanças de paradigmas vindos da modernidade acabaram por engendrar necessidades e posturas mais críticas e profundas do ser humano em formação. (SILVA; CAMARGO, 2015, p. 173).

A tecnologia digital passou a ser parte das escolas, afinal ela já estava cada vez mais embutida na sociedade, permeando a vida de alunos, professores e famílias, os quais já interagiam pela internet, por exemplo. Dessa maneira, a escola não tinha mais como fugir do inevitável: a “entrada” da tecnologia na cultura escolar. Diante disso, “[...] a cultura escolar entra em correspondência com a cultura digital, ou seja, com o modo como as pessoas interagem, produzem conhecimento, aprendem e se comunicam [...]” (SILVA; CAMARGO, 2015, p. 174).

Esse foi um marco para a superação dos modelos escolares herdados da era da indústria, o início de uma nova era.

Esse novo cenário exige da instituição um posicionamento sobre, pelo menos, duas questões: uma comportamental e outra pedagógica. Do ponto de vista comportamental, trata-se de dispor de abordagens e de entendimento para lidar com as novas gerações, que têm chegado à escola sabendo manipular dispositivos eletrônicos e atuar em ambientes digitais. Do ponto de vista pedagógico, trata-se de dispor de estratégias de aprendizagem que correspondam às condições de produção, acesso e transmissão do conhecimento em nossa época. (SILVA; CAMARGO, 2015, p. 174).

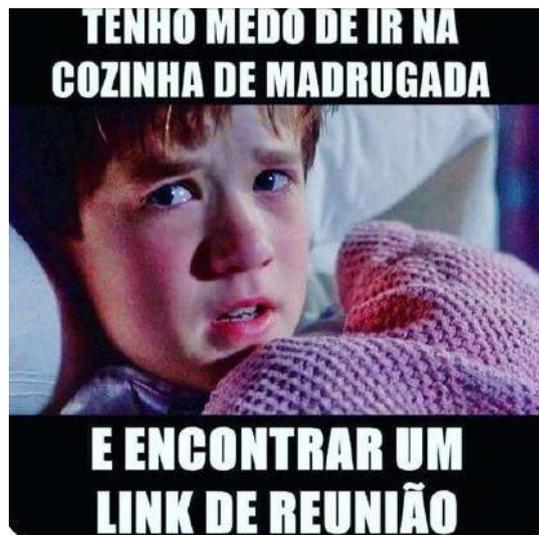
Com a chegada da pandemia, o uso da tecnologia tornou-se, simplesmente, indispensável. Passamos a usar chamadas de vídeo para poder nos “encontrar” com familiares e amigos, passamos a fazer uso intenso de reuniões *on-line*, de receber

---

<sup>6</sup> Ensino padronizado para crianças diferentes, interações entre os pares nos ambientes restritos da sala de aula, divisão por idade, ritmo dominado por relógio (tempos de aula), sinal (como nos turnos das fábricas), disciplinas fragmentadas e sem conexão; professor como o transmissor do conhecimento.

*links* para diferentes eventos... vi nesse período festas juninas, amigo ocultos, enfim, uma verdadeira invasão. Passamos a viver uma hiperconexão e nossas casas viraram, inclusive, as salas de aula. Sim, os estudantes estavam dentro das nossas casas, assim como nós estávamos na casa de cada um deles. Um meme<sup>7</sup> que circulou bastante nessa época passou a representar muito do que sentíamos (Figura 17).

Figura 17 - Meme da Internet.



Fonte: Kroich,[S.d.].

E o que dizem as professoras entrevistadas sobre a tecnologia? Com relação ao uso da tecnologia educacional, as entrevistas apontam algumas semelhanças entre os participantes. É notório que todos precisaram aprender muito com a chegada da pandemia, para que conseguissem alcançar de algum modo seus alunos. Os oito entrevistados afirmam que tiveram pouco tempo para aprender tantas coisas diferentes, mas que fizeram com muita boa vontade porque precisavam, de alguma maneira, lidar com o problema do isolamento.

A Professora 1 afirma que:

*[...] minha relação com a tecnologia foi de aprendizado. No início tive muitas dificuldades, mas a vontade e a curiosidade me fizeram ir além. [...] a tecnologia facilitou muito e ainda facilita a interação mundo/aula, pois através dela podemos utilizar ferramentas em tempo real, levando nossos alunos ao conhecimento além das barreiras físicas de uma sala de aula [...].*

<sup>7</sup> Meme se refere a uma imagem, informação ou ideia que se espalha rapidamente através da Internet, correspondendo geralmente à reutilização ou alteração humorística ou satírica de uma imagem.

A Professora 5 reforça essa visão quando diz que “[...] a tecnologia é ferramenta com infinitas possibilidades de recursos para ajudar aos nossos alunos, por isso é importante usarmos e eu quero sempre aprender novos recursos tecnológicos [...]”.

A Professora 4 afirma que precisou aprender bastante: “[...] sempre usei a tecnologia a meu favor, mas confesso que, por conta da pandemia, me atualizei, busquei novas ferramentas e passei a usar muito mais, principalmente nas aulas [...]”.

A Professora 3 diz que:

*Apesar de o início da pandemia ter sido assustador, a ideia de ministrar aulas on-line... foi o momento que mais aprendi a lidar com a tecnologia e a descobrir novas possibilidades de aprendizagem. Nós, professores, além das funções que já temos, somos psicólogos, enfermeiros, decoradores, técnicos de informática e tantas outras coisas que vão aparecendo! Estávamos tão acostumados a lidar com a diversidade e o imprevisto, mas eu nunca imaginei passar por uma pandemia e ter que me aliar à tecnologia desta maneira! Foi meio que surreal.*

As professoras da rede pública municipal do Rio de Janeiro trazem, também, seu ponto de vista e sua experiência. As professoras 6 e 8 dizem, respectivamente, que:

**Professora 6:** *Sei usar a tecnologia em sala de aula para o básico. Uso nas aulas sempre que possível, mas alguns fatores atrapalham: claridade (falta uma cortina na sala), caixa de som ou cabo que não tem bom funcionamento, procurar outra sala para usar [...] Precisamos atualizar espaços e equipamentos. Sinto que a educação pública está muito atrás nesse ponto.*

**Professora 8:** *A tecnologia serviria para melhorar muito o aprendizado até porque eu já usava muita coisa no computador desde que eu entrei. A gente tinha que levar eles pra sala de informática, só que era uma coisa mais restrita e eu acho que isso tinha que ser pra todo mundo, pra todas as escolas, não só esses centros de informática (GET<sup>8</sup>) que a Prefeitura está fazendo agora. Devia existir em todas, ser uma coisa única.*

A tecnologia aparece, também, como uma maneira prazerosa de envolver os alunos. A Professora 7 afirma que:

*A tecnologia facilitou e facilita a interação mundo/aula, pois através dela podemos utilizar ferramentas em tempo real, levando nossos alunos ao conhecimento além das barreiras de uma sala de aula convencional.*

---

<sup>8</sup> GET – Ginásio Experimental Tecnológico – novo modelo de escola na Prefeitura do Rio de Janeiro, que oferece aos estudantes a possibilidade de criação de projetos interdisciplinares, que vão além do livro didático e de conteúdos tradicionais.

*Acredito que a tecnologia, assim como qualquer outro recurso deve ser utilizada de maneira equilibrada. A tecnologia está cada vez mais inserida e presente na vida das crianças, então, por vezes, quando a utilizamos como recurso, conseguimos nos aproximar mais de seus interesses.*

A Professora 8 faz uma reflexão sobre a tecnologia em sua vida:

*Apesar de tudo, o que vivi das práticas da pandemia me deixa uma pessoa mais tecnológica. Isso foi muito interessante. Eu não sou muito fã de tecnologia, mas acho que eu comecei a analisar o quanto isso é importante na vida das crianças, o quanto é necessário para o momento atual que a gente tá, então hoje em dia eu procuro sempre inserir nas minhas práticas. É a tecnologia para a construção da aprendizagem.*

A Professora 2 traz um ponto interessante quando diz que estamos muito consumidos pela tecnologia: *“Em contrapartida, essa mesma tecnologia está as absorvendo tanto que atividades que não a envolvam podem tornar-se bastante interessantes [...]”*.

A verdade é que, apesar de ser importante, a tecnologia não vem para substituir boas aulas e bons professores. No mundo pós-pandêmico, a aprendizagem viabilizada pela tecnologia pode tornar-se rotina, sem muito esforço ou problema. A tecnologia não é a salvadora do mundo educacional, ela é simplesmente a nossa nova aliada, que veio para iluminar um pouco mais as práticas de ensino aprendizagem que já dão certo há algum tempo.

### **5.3.2 Geração Zappiens: Uso das Telas e Uso de celulares nas escolas**

Com o uso demasiado da tecnologia, algumas pautas são postas:

- a) O termo “Homo Zappiens”, designado por WinnVeen e Ben Vrakking, diz respeito à geração que nasce conectada e em rede, que está muito à vontade com o uso da tecnologia. A problematização que os autores trazem diz respeito à importância de aprender de maneira significativa para essas pessoas que fazem uso de “zap” sem parar. Para esses estudantes é fácil fazer várias coisas ao mesmo tempo. Nesse contexto, os professores que trabalham com estes alunos têm que usar os recursos tecnológicos disponíveis porque é dessa maneira que vai desenvolver a aprendizagem significativa e exploratória dos Zappiens.

- b) O debate em torno do uso das telas para crianças e adolescentes é grande e intenso. Segundo Hargreaves e Shirley (2023), durante a pandemia milhões de crianças pequenas vivenciaram cerca de 200 minutos por dia de ensino em tempo real, exigido pelo governo, o que vai muito além das diretrizes pediátricas recomendadas para o tempo passado na frente das telas.

O fato é que, o uso excessivo das telas pode ser realmente muito prejudicial. Crianças e adolescentes perderam hábitos, como sentar, conversar com colegas, saber ouvir. A saúde mental também está afetada e ninguém pode negar isso.

Devemos pensar, enquanto adultos conscientes, não só na quantidade desse tempo nas telas, mas também, na qualidade. É diferente, por exemplo, compararmos uma mensagem de vídeo para um ente querido com um jogo violento de videogame. Como tudo na vida, temos prós e contras e resta aprendermos a dosagem ideal.

- c) Desde o dia 7 de agosto de 2023, os estudantes das escolas públicas municipais do Rio de Janeiro passaram a não poder utilizar o celular nas salas de aula. Ele deverá ficar guardado, se levado à escola, só podendo ser usado para fins pedagógicos e com seu professor autorizando. O Decreto 53.019 também traz a informação de que os aparelhos não poderão ser usados nem quando houver atividades fora da sala durante trabalhos, somente com autorização prévia. O uso também é permitido para os alunos com necessidades educativas especiais e que precisam de apoio dos dispositivos móveis.

O Decreto da Prefeitura baseia-se nas diretrizes da OMS – Organização Mundial da Saúde – que propõe restrições no tempo do uso de tela por dia – e no “Relatório de Monitoramento Global da Educação 2023: a Tecnologia na Educação: Uma Ferramenta a Serviço de Quem?”<sup>9</sup>, da UNESCO, que mostrou que o tempo prolongado de uso da tela pode afetar o autocontrole e o lado

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/>>.

emocional e afirmou que os governos têm que adotar medidas e leis para boas práticas relacionadas aos direitos humanos.

Além disso, o Decreto pauta-se na Lei Estadual 5.222 de 2008, que já proibia o uso de celulares e aparelhos eletrônicos nas escolas, exceto quando houvesse autorização de cunho pedagógico.

Vivemos tempos de instabilidade e mudanças, não podemos negar. Cabe a nós, professores, fazermos reflexões constantes sobre a atualidade para que, juntos, consigamos construir novas práticas pedagógicas, que sejam mais alinhadas ao que nosso estudante vive e traz todos os dias para a sala de aula.

## 6 A PESQUISA E SUAS REFLEXÕES

Segundo Paulo Freire, ensinar exige pesquisa. Para ele,

[...] não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade [...] (FREIRE, 2021, p. 30-31).

A pesquisa pode nos permitir a construção de significados e possibilidades, além da investigação sobre o mundo, o desconhecido e o que pode ser até estranho, a princípio. Para Lage (2013, p. 43),

[...] a pesquisa é um caminho seguro para o processo de construção do conhecimento sobre o mundo, e do autoconhecimento, na medida em que contribui para a organização de estruturas cognitivas, por meio da compreensão de métodos que asseguram não a reprodução do conhecimento, mas a sua (re)elaboração, a partir das experiências de seus sujeitos.

Assim, a metodologia da pesquisa é um caminho que ajuda na investigação, refletindo a respeito de um olhar diferenciado sobre o objeto. Olhar esse que deve ser criativo, indagador e muito curioso.

A pesquisa qualitativa, feita através das entrevistas com as oito professoras para o desenvolvimento dessa dissertação, objetivou estudar comportamentos e visões acerca do período pandêmico e pós-pandêmico, ouvindo suas experiências e entendendo melhor os reflexos do período em suas vidas escolares.

Ao longo de toda a dissertação, as falas das professoras entrevistadas dialogaram com o texto, com o objetivo de reafirmar o que estava exposto.

A partir de agora, apontarei alguns dos resultados que considere mais significativos. Eles foram divididos em seis grandes temas e estão a seguir. Importante salientar que alguns temas, não menos importantes, como já foram bem expostos durante a escrita dos capítulos anteriores, é o caso do tempo e da tecnologia, por exemplo, não estarão novamente aqui para que não haja repetição.

## 6.1 SOBRE OS MAIORES DESAFIOS DA PROFISSÃO

A pergunta era bem abrangente: Qual seu principal desafio na profissão? No questionário ainda indiquei: “de maneira bem geral” e falei para elas pensarem um pouco para responder com o coração. As respostas foram diversas e transcrevo algumas delas.

**Professora 6** - Lidar com o comportamento inadequado dos estudantes. Indisciplina, questões psicológicas que a gente percebe no dia a dia que eles precisam de assistência, de acompanhamento e... conseguir esses encaminhamentos, esses atendimentos para os estudantes... Antes da pandemia a gente já percebia muita coisa, questões familiares... Eles precisam de atenção, carinho, de um cuidado especial. Às vezes você não consegue reservar um tempo, de um momento só para quem precisa. Com a pandemia isso se intensificou. Muitas crianças passaram por situações de vulnerabilidade que a gente não faz nem ideia! Eles voltaram introspectivos, desinteressados... Retomar o vínculo, entender o jovem, essa conexão exagerada com a tecnologia... foi bem complicado. Engajar tá difícil. Ele tem que querer aprender e a família tem que colaborar.

**Professora 5** - Apoio familiar e alunos atípicos.

**Professora 2** - A vida de professor não é fácil nunca e por vezes tenho a sensação que muita gente acha que não fazemos nada. Mas acredito que o respeito, a valorização, a confiança, as respostas, a antecedência nas programações, são os maiores desafios que enfrentamos, porque não os temos como deveríamos.

**Professora 1** – Estar em busca de novas estratégias para facilitar o processo de ensino aprendizagem.

**Professora 8** - Maior desafio é tempo para formação, a gente acaba se distanciando disso.

## 6.2 SOBRE A NECESSIDADE DE NOVO OLHAR PARA O PAPEL DA ESCOLA E DO EDUCADOR

Quando perguntadas se há necessidade de termos um novo olhar para o papel da escola e do educador na atualidade, estas foram algumas falas de destaque:

**Professora 5** - Sempre. Ambas se transformam de acordo com as mudanças e necessidades sociais e educacionais.

**Professora 4** - Com certeza. O professor precisa sair da sua zona de conforto e ir em busca de novos desafios.

**Professora 3** - Sim. As escolas estão com uma sobrecarga muito grande, com cobranças surreais por parte das famílias. Por conta disso, as cobranças em cima dos professores estão cada vez maiores. As famílias no pós-pandemia ficaram realmente adoecidas, necessitando de ajuda, mas ao mesmo tempo, por vezes, não sabem pedir nem receber essa ajuda. Com isso, cada vez mais escola e educadores ficam com esse papel de oferecer equilíbrio, só que educadores e escolas também precisam de atenção e respeito.

**Professora 1** - Sim, a educação vem se modernizando, mas precisamos refletir sobre seu papel na atual sociedade. A escola precisa redimensionar o seu pensar, reformulando suas ações pela compreensão do que a comunidade escolar espera dela enquanto função social.

**Professora 7** - Precisamos investir mais nos professores, está difícil fazermos tanta coisa sem tempo. Temos que mudar nosso olhar sim. Na verdade, as pessoas fora da educação mudaram o olhar depois da pandemia sobre a importância da educação. Todo mundo ficou desesperado, de não poder levar seu filho pra escola e perder aula e não ter professor pra tirar as dúvidas... de ensinar aquilo que pai, mãe, avô, avó, não conseguem explicar. Acho que foi um reconhecimento da nossa importância, mas momentâneo, porque passou a pandemia e tudo voltou como era antes. Ninguém passou a ganhar mais, ninguém passou a ser mais valorizado, eu acho que alguns pontinhos começaram a mudar, mas ainda é muito pouco.

**Professora 8** - É necessário entendermos melhor a nossa importância perante a sociedade. Não dá pra negar que a sociedade precisa melhorar e nós temos um grande papel nisso!

### 6.3 SOBRE A IMPORTÂNCIA DA REDE E DO TRABALHO COLABORATIVO

Em diferentes momentos da entrevista, mesmo em diferentes perguntas e seções, apareceram bem firmes as ideias de trabalho colaborativo e em rede para que haja bom funcionamento e andamento da Educação como um todo.

**Professora 5** - Cabe entendermos que somente um trabalho colaborativo entre família, equipe escolar e professores são fundamentais para que o aluno progrida.

**Professora 8** - Precisamos estudar e trocar com nossos pares. Ainda acho que temos práticas muito isoladas [...]

**Professora 6** - A ajuda que eu recebi veio dos meus colegas. Troquei muito com eles, com meus pares. Um passando um pouquinho para o outro. Quem sabia um pouquinho mais, tinha mais facilidade com a tecnologia, se disponibilizava a ajudar o colega que tinha mais dificuldade, que não tinha todo esse contato [...] que não dominava essas ferramentas. A troca com

*algumas pessoas da equipe gestora, coordenadores, colegas até mesmo de outras escolas, foi fundamental.*

**Professora 1** - *Envolver a família é fundamental para que o jovem tenha um percurso escolar contínuo e interessante, que ele queira aprender, que ele queira estar na escola, que ele aprenda com prazer, que a família colabore participando, se envolvendo [...] Quando a gente tem a participação da família, escola, família e estudante, a gente tem um caminho de sucesso. Então a gente precisa disso. Dessa rede. Nem tudo o Pedagogo sozinho vai saber lidar, é preciso profissionais de diferentes áreas atuando também.*

**Professora 4** - *Durante a pandemia, houve uma grande rede de apoio entre os professores, uns ajudavam os outros. A minha equipe, por exemplo, fazia reunião de semanal para fechar planejamento. A coordenação também esteve presente 24 horas por dia para nos auxiliar.*

**Professora 2** - *Pouco antes da pandemia tínhamos tido a troca de coordenadora pedagógica, estávamos nos conhecendo e esse trabalho de adaptação a essa nova realidade foi feito de modo remoto. A coordenadora estava sempre disponível, buscando meios de ajuda e facilitava o trabalho da equipe.*

**Professora 7** - *O professor tem o dever moral, até, de continuar estudando, observando suas práticas [...] e a gente acaba se afastando disso presa às questões profissionais. Trocar com nossos pares é fundamental sempre!!*

**Professora 3** - *[...] foi o momento em que os profissionais da Educação mais se uniram. Era comum ver vídeos em que muitos professores, por meio das redes sociais, compartilhavam o que descobriam e aprenderam sobre edições e gravações. Esse clima de união deveria permanecer. A rede fortalece.*

O recurso mais importante para o aperfeiçoamento é o tempo que é passado com os colegas; o tempo para os professores estudarem, analisarem e fazerem avançar as suas práticas; o tempo para os diretores de escolas, subdiretores, chefes de departamento e professores que ocupam posição de liderança apoiarem essas melhorias; o tempo para os corpos docentes examinarem, debaterem e apurarem as normas de civilidade, de instrução e de aperfeiçoamento. Deveria haver consideravelmente mais tempo para estas atividades durante o dia escolar normal, quer por adição, quer pela eliminação de atividades menos importantes. (HARGREAVES, 1998, p. 107)

Ressalto que mais tempo não garante uma grande e significativa mudança educativa. O tempo de troca entre os pares é fundamental, bem como a formação de grandes redes de colaboração.

Nas culturas de colaboração, os professores revelam bastantes coisas acerca de sua vida privada, tornam-se não só colegas, mas também amigos uns dos outros e, se existem dias ruins ou problemas pessoais, não levam isso a mal e dão conselhos práticos aos colegas em apuros. (HARGREAVES, 1998, p.170).

## 6.4 SOBRE A FORMAÇÃO

As professoras entrevistadas explicam que sua formação inicial não contemplou tudo o que precisam para aplicação nas aulas, há ausências significativas nos cursos. Assim, todas sugerem, enfaticamente, que é de extrema importância a formação continuada.

**Professora 3** – *Acredito que nenhuma formação irá contemplar tudo pois cada dia surgem novos debates e temáticas que devem ser exploradas, por isso sou a favor das formações continuadas, principalmente quando a instituição escolar propõe isso, possibilitando a troca entre os professores e profissionais da educação.*

**Professora 2**– *Acredito que os cursos de formação são muito teóricos e muito pouco práticos. A vivência em sala de aula, os conflitos e dificuldades diárias é que fazem com que aprendamos o que e como agir. O trabalho em campo é enriquecedor e nos faz buscar soluções para problemas e/ou situações reais. Por isso é importante conversarmos e estudarmos.*

**Professora 6** – *Concluí minha graduação em 2010, então meu curso de formação não contemplou tudo o que preciso sobre tecnologias hoje nas minhas aulas, por exemplo. Na época, usávamos retroprojeto, transparências, muita coisa se atualizou daquela época para agora. Claro que eu me atualizei por conta própria, acompanhando as novas tecnologias. A escola precisa de mais investimento nisso, os professores precisam de formação continuada de qualidade.*

Ainda sobre isso, a Professora 6 ressalta que “*A escola ainda precisa melhorar muito, a formação continuada tem que ter acompanhamento, mais pessoas dentro das unidades!*”. Todo esse investimento trará mais qualidade, acesso e oferta de oportunidades, possibilitando mais engajamento dos nossos estudantes. Ainda há um longo caminho a ser percorrido, mas desejamos o melhor para nossos estudantes, diminuindo esse abismo que existe entre as escolas públicas e particulares.

**Professora 7** – *Estudo, formação contínua [...] é muito importante, sabe? Você ler, se atualizar, buscar informação. Acho que a gente tem práticas muito isoladas, deveria haver mais espaço para essa troca entre os pares. Já basta o isolamento que a pandemia trouxe, né?*

## 6.5 SOBRE LEITURA E ESCRITA

As professoras trouxeram, também, em suas falas, uma grande preocupação com defasagem de aprendizagem em seus alunos, principalmente no que diz respeito à leitura e escrita. Segundo elas, este é um fato muito preocupante e que precisa ser encarado com seriedade, para que o problema diminua gradativamente, na medida do possível.

**Professora 1**– *Meu maior desafio é conseguir fazer com que meus alunos conscientizem-se da importância da leitura, da escrita e dos estudos de modo geral. Fazer com que entendam o quanto é bom e importante serem pesquisadores e descobridores.*

**Professora 2**– *A educação continuou cruel em suas cobranças. Voltamos da pandemia querendo ter uma vida normal e despejar vários conteúdos sem dó nem piedade nas crianças. Acho que nunca vamos recuperar os ‘gaps’ que se formaram nesse período. A leitura e a escrita estão com muita defasagem e isso [...] em todas as séries.*

**Professora 3**– *Tenho me assustado no nível de leitura e escrita das crianças. Eles estão com muitas dificuldades e, confesso, que às vezes me vejo sem saber como ajudar.*

**Professora 4** -*Hoje estou com uma turma de 4º ano, exatamente a turma que estava no 1º ano na pandemia, foram alfabetizados diante de uma tela. São alunos que apresentam muita dificuldade na escrita, cometem erros básicos de ortografia, têm letras ilegíveis e uma leitura lenta e silabada. Em Matemática básica, cálculos simples, a situação também é crítica.*

**Professora 7** – *A verdade é que eles voltaram sem ler nem escrever nada. Os pais não tinham a menor condição de ajudar. Primeiro, porque não estavam em casa. Segundo, porque não tem nível de ensino suficiente para isso.*

**Professora 6** –*A questão que mais me gera preocupação é a alfabetização. Muitos alunos chegaram na escola, na volta da pandemia [...] com muita defasagem. Turma de terceiro ano, por exemplo, voltou sem saber ler e escrever. Tem 8/9 anos e não avançaram em nada na alfabetização. Os pais não tiveram a mínima condição de dar conta disso em casa. Então, se já havia defasagem, agora ela só aumentou. Isso é muito preocupante.*

## 6.6 SOBRE O AFETO

Deixei para o último ponto aquele que considero como o mais importante. O afeto permeia (ou deve permear) toda a nossa ação educativa e isso ficou bem visível em algumas falas ao longo das entrevistas.

**Professora 6** – *Um ponto positivo nesse período tão diferente que vivemos, foi o carinho, cuidado, amor, reconhecimento do meu trabalho, por estudantes e suas famílias [...] da minha paciência, de alguns vídeos que fiz com explicação de conteúdo, do meu envolvimento com a turma... Recebi muitas palavras de aconchego... Estar mais próximo das famílias foi muito bom.*

**Professora 1** – *Eu sentia falta dos meus alunos, sabe? Saudades mesmo.*

**Professora 3** – *Eu tinha medo de que meus alunos morressem de COVID. Acho que nós, professores, deveríamos ter tido um acolhimento emocional profissional. Isso é cuidado importante.*

**Professora 8** – *As crianças ficaram muito fragilizadas, o afeto e o carinho foram os mais importantes nessa loucura toda.*

**Professora 7** – *Pior foi quando a gente voltou ao presencial, tendo que cuidar de tanta coisa e de todo mundo. Mas quem cuida da gente? Ainda não sei responder.*

Como dizia Paulo Freire (2021), não há educação sem afeto. A relação humana é formada por emoção, pelo sentir, pelo encontro. Quando nós, professores, temos consciência disso, a aprendizagem fica mais fluida, pois os vínculos são formados e fazem a diferença no processo.

## 7 O PRODUTO EDUCACIONAL

No Mestrado Profissional em Educação é obrigatória, para a obtenção da titulação de mestre, a preparação de um produto educacional, além da dissertação.

O produto educacional deve ser desenvolvido com base no que trata a pesquisa e tem, como principal objetivo, contribuir para a prática profissional dos professores da Educação Básica. Sendo assim, ele é desenvolvido e disponibilizado pelo mestrando com seu orientador.

O fato é que, desde que comecei esta pesquisa, não consegui ter clareza de qual deveria ser o meu produto. Quando comecei a pensar no tema, o que eu queria muito era deixar registrado o que foi este período de pandemia e pós-pandemia no mundo da Educação, suas implicações e consequências. Então, começava a pensar em algo para “confeccionar, inventar” e nada me vinha à mente. Foram mais de dois anos nessa inquietação.

Pedi auxílio aos superiores, não só do céu como também da Terra. Deus, Santos Anjos... professores, minha orientadora... todos foram solicitados. E, assim, depois de muito rodar sem saber o que fazer, três pessoas diferentes me sugeriram a mesma coisa e, por isso, comecei a pensar nessa hipótese.

A decisão foi de fazer a escrita de um livro. Assim, meu objetivo inicial foi contemplado: deixar registrado esse período que vivemos (e sobrevivemos). O livro não é somente a escrita de uma história que passou. Ele é interativo, uma conversa com professores (e também curiosos da educação) e, com elasticidade<sup>10</sup>, nos leva para... *playlist*, *podcast*, *site*, *blog*, momento de autocuidado... e o que mais nossa imaginação permitir.

A criação de um livro memorialístico interativo é uma proposta envolvente e inovadora. A ideia principal é que ele não seja só feito para contar uma história, mas também para envolver os leitores, convidando-os a participarem dessa escrita, visto que foram partícipes e transformados por ela.

O livro tem formato interativo de caráter inovador, pois explora muito mais do que o físico, considerando também, um farto cardápio digital dentro dele, como

---

<sup>10</sup> Peço licença poética à Carolina Sanches para usar seu conceito de leituras elásticas. A referência do livro dela está contida na lista aqui e é uma leitura, a meu ver, obrigatória para professores e não professores que se interessam pela formação de leitores na atualidade.

áudios, *links* colaborativos e meditações. O objetivo principal é tornar a leitura de um período tenso em um momento leve, proporcionando uma imersão profunda na narrativa. Além disso, os leitores poderão interagir comigo, bem como fazerem publicação em plataforma educacional, para a construção de uma grande rede colaborativa.

A narrativa é não linear, possibilitando que os leitores explorem diferentes partes da história, de acordo com seus interesses. Há, ainda, ao longo das páginas, espaços para que seja feita a escrita das memórias de tempos vividos na pandemia.

A personalização da experiência torna a leitura mais fluida e prazerosa, sendo assim, espero que o livro alcance os professores com muito afeto!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível sair da zona de conforto de maneira abrupta e ainda dar lugar a um novo processo de construção didática? Esse foi o principal questionamento que norteou essa dissertação, no entanto essa problemática não se esgota nesse questionamento e, nem tenho a pretensão de chegar aqui, nas considerações finais, com uma resposta como verdade absoluta. O mundo da Educação está em constante transformação e nós, professores, também estamos.

A pesquisa tratou de um período bem diferente de tudo o que já vivemos e, por esse motivo, ainda trouxe lembranças de sentimentos não tão bons. Palavras como *ASSUSTADOR – DIFÍCIL – ATERRORIZANTE – CANSATIVO – MEDO – ANGUSTIADA – DESCONTENTAMENTO – ANSIEDADE – IMPOTENTE – COBRANÇA – DIFICULDADE – DESAFIADORA – RECEIO – CONFLITOS – CRUEL – INSEGURANÇAS – DEFASAGEM – PREOCUPAÇÃO – SOLIDÃO* apareceram nas entrevistas que envolveram professores de escolas públicas e privadas. Porém, assim como as palavras negativas apareceram, outras de cunho muito positivo também estiveram presentes: *EQUILÍBRIO – ATENÇÃO – RESPEITO – VONTADE – CURIOSIDADE – ENRIQUECIMENTO – REFLEXÃO – REFORMULAÇÃO – MOTIVADA – REINVENTAR – BUSCAR – CRIATIVIDADE – ESPERANÇA – SUPORTE – ALEGRIA – OTIMISMO – FACILIDADE – FELICIDADE – TRANQUILIDADE – CONFIANÇA – ALÍVIO.*

Como eu sempre digo, o positivo sempre tem que estar à frente do negativo. E não é que na lista das palavras, apesar de tudo o que vivemos, as professoras conseguiram ver isso também? Isso é muito significativo, pois como já afirmava Paulo Freire (2021), ensinar exige alegria e esperança!

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e aluno, juntos, podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos da nossa alegria. A esperança faz parte da natureza humana (FREIRE, 2021, p. 70).

Já havia usado esta citação em outras ocasiões, mas acho que nesse momento da escrita ela fez-se ainda mais perfeita do que sempre foi. Paulo Freire realmente é atemporal.

À luz das investigações, compreendemos como necessário trazer a historicidade da pandemia, bem como da Educação. Para isso, Santos e Morin foram fundamentais.

A questão do tempo teve um espaço, como capítulo nesta dissertação, pois muitos professores sinalizam que ele é um impedimento preocupante para obtenção de melhores processos de ensino aprendizagem.

A zona de conforto foi tratada como um ponto de partida para uma quebra necessária para o crescimento e a tão falada metamorfose nas escolas. Nóvoa chegou assim, neste debate, para corroborar com os pensamentos e falas, também, das professoras entrevistadas.

Entendemos, também, que era preciso dar um espaço para a pauta do bem-estar e Hargreaves e Shirley contribuíram, reforçando problemáticas inquietações. Essa temática deve, pois, ser tratada nas escolas com um olhar especial e as pesquisas dos referidos autores contribuem nesta perspectiva.

O capítulo 6 veio para trazer uma necessária abordagem da atualidade, tratando do que vem a ser a contemporaneidade e quem são os sujeitos dessa nova geração, conforme explica Sanches em seus referidos estudos. A tecnologia também ganhou destaque porque, além de não podermos mais deixar de falar sobre ela neste mundo em que vivemos, o debate sobre uso de telas, redes sociais e celulares têm forte ligação com a pandemia e os novos tempos de aprendizagem.

A partir dessas reflexões, o diálogo com as professoras revelou que temos que nos preocupar mais com a formação das **redes de colaboração**, fortalecendo a relação entre pares e proporcionando momentos de troca entre eles. Também ficou claro que é necessário investimento na **formação inicial e continuada** dos docentes, pois apesar de serem muitos os **desafios** enfrentados, ainda há esperança e **afeto** na profissão.

A grande preocupação dos docentes no período pós-pandêmico diz respeito ao processo de aquisição de **leitura e escrita** e seu desenvolvimento produtivo.

Nesse sentido, faz-se necessário termos um **novo olhar para o papel da escola e do educador**.

Sendo assim, a partir dos referidos desdobramentos, respondendo ao que problematizou o início do estudo, entendemos que podemos sim, sair da zona de conforto de maneira abrupta e ainda dar lugar a um novo processo de construção didática, porém para que isso aconteça, muitos fatores tornam-se indispensáveis,

como o que foi exposto no desenvolvimento das entrevistas. Acreditamos que seja urgente e necessário que estejamos mais atentos ao nosso cotidiano real e que queiramos fazer um mundo melhor, pois ele é possível. Acreditamos, também, que seja necessário o diálogo para que a escola cumpra seu objetivo, sendo o espaço de respeito, acolhimento, verdade, tolerância e diversidade respeitadas que tanto queremos e projetamos.

A educação tem um papel a cumprir na democratização das sociedades, mas para cumpri-lo tem ela própria de se organizar como instituição democrática, de participação e cooperação.

A educação como prática da liberdade é uma forma de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizagem é mais fácil para aqueles de nós que ensinamos e acreditamos na existência de uma dimensão sagrada da nossa vocação; que acreditamos que o nosso trabalho não é apenas partilhar informações, mas também participar no desenvolvimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. (HOOKS, 2013, p.9).

As palavras destacadas em negrito, nos parágrafos anteriores, são as que tiveram destaque no resultado da análise dos dados das entrevistas realizadas.

Os temas estão interligados, formando uma grande rede. As professoras, que muito contribuíram com essa dissertação, são de realidades diferentes, conforme explicado anteriormente, atuando em escolas públicas e/ou privadas. Elas apresentaram falas muito parecidas em pontos essenciais. Infelizmente, a realidade de maior impacto é que a diferença social e de possibilidades ainda é muito grande.

É preciso que sejamos capazes de imaginar as possibilidades do futuro para assim escolhermos os melhores caminhos. Escolas são espaços fundamentais para a construção bem pensada desses possíveis caminhos.

Neste presente incerto, precisamos afirmar que há sempre a possibilidade de outros futuros. Nem tudo se esgota no imediatismo do presente. Só o ser humano sabe que há futuro. É isso que nos distingue de todos os outros seres vivos. Voltar à normalidade? Não. Este é o tempo de reinventar o futuro, isto é, de construir coletivamente uma outra educação (NÓVOA, 2023, p. 107).

Figura 18 - A Fênix.



Fonte: Bezerra, [s.d.].

Voltando à mitologia, trago aqui a Fênix (Figura 18). Ela é originalmente um mito egípcio, acredita-se, mas está presente na mitologia grega, romana, árabe e chinesa.

A fênix é uma ave que representa a vida: o recomeço e a esperança de um futuro melhor. Suas penas são vermelhas e seu bico, sua cauda e suas garras são douradas.

Acredita-se que ela possuía uma enorme força e que podia viver quinhentos anos.

O mito diz que as lágrimas da fênix podiam curar doenças. Ela tinha a capacidade de cantar lindas melodias e, quando estava no final da vida, o canto era triste. Depois que entoava esse canto triste, queimava-se e as cinzas ficavam com o dom de ressuscitar os mortos. Algumas versões dizem que ela mesma ressurgia das cinzas.

Com essa bela história, a fênix simboliza renascimento, a vida e seus ciclos, a esperança de que é preciso se reerguer frente às adversidades da vida, sem perder a essência.

Sejamos fênix! Que as cinzas da pandemia sejam nossos motivos para reviver intensamente, fazendo um trabalho cada vez mais alegre e efetivo com nossos educandos.

Não esqueçamos que os professores precisam ter lugar de fala e ter maior visibilidade perante à sociedade, pois são parte fundamental dela.

Por isso é tão importante proteger, transformar e valorizar os professores (NÓVOA; ALVIM, 2022, p. 6):

- Proteger [...] porque as escolas são lugares únicos de aprendizagem e de socialização, de encontro e de trabalho, de relação humana, e precisam ser protegidas para que, nelas, os seres humanos se eduquem uns aos outros.
- Transformar [...] porque as escolas precisam de mudanças profundas, nos seus modelos de organização e de funcionamento, nos seus ambientes educativos, para que alunos e professores possam construir juntos processos de aprendizagem e de educação.
- Valorizar [...] porque as escolas são espaços imprescindíveis para a formação das novas gerações e nada substitui o trabalho de um bom professor, de uma boa professora, na capacidade de juntar o saber e o sentir, o conhecimento e as emoções, a cultura e as histórias pessoais.

Voltando novamente à questão inicial que norteou toda a pesquisa e, também, o produto, acredito que SIM, é possível sair da zona de conforto de maneira abrupta e, muitas vezes, essa drástica ruptura pode ser um impulsionador para a construção de nova didática.

Para o crescimento pessoal e profissional, faz-se necessário desafiar a famosa zona de conforto. Saindo dela, por escolha ou imposição, podemos chegar a grandes desafios, mas também oportunidades de aprendizado real.

Momentos desafiadores têm uma forte relação de causa e consequência com novas fases: adaptação e resiliência são habilidades essenciais para enfrentar novos desafios; aprendizado experiencial é, na maioria das vezes, muito mais impactante do que a pura e simples teoria; o desconforto pode revelar capacidades que nem nós mesmos reconhecíamos, assim como encontrar-se no desconhecido pode tornar-se grande potencializador de novas conexões, ampliando as redes de apoio e conexão, conforme mostrou a pesquisa. Não posso deixar de citar a questão da inovação e da criatividade, pois quando nos vemos desconstruindo o que nos é familiar, somos obrigados a pensar novas estratégias, inclusive compreendendo melhor a nós mesmos, reconhecendo limites e capacidades. Tudo isso nos permite uma mudança de perspectiva, alcançando uma visão muito mais ampla e inclusiva e, também, criando uma motivação interna em busca de aprendizado contínuo.

Assim, embora sair da zona de conforto possa ser bem desafiador, também é um ponto de virada para a chegada do novo e enriquecedor processo, nesse caso, de construção didática. Disposição para abraçar a mudança nós já temos, então... que venham os novos tempos e que estejamos cada vez mais preparados para eles!

## REFERÊNCIAS

8DIÁLOGOS. Mitos do Tempo: Chronos e Kairós. *8diálogos*. [S.l.], [2020]. Disponível em: <<https://www.8dialogos.com.br/single-post/mitos-do-tempo-kronos-e-kair%C3%B3s>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

ALMEIDA, M. Origem das atuais inovações. *LinkedIn*. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <[https://www.linkedin.com/posts/mauricioalmeidaperito\\_origem-das-atuais-inova%C3%A7%C3%B5es-jetsons-1962-activity-7053131118702731264-8vqJ?trk=public\\_profile\\_like\\_view](https://www.linkedin.com/posts/mauricioalmeidaperito_origem-das-atuais-inova%C3%A7%C3%B5es-jetsons-1962-activity-7053131118702731264-8vqJ?trk=public_profile_like_view)>. Acesso em: 7 mar. 2024.

ALVES, R. *A alegria de ensinar*. São Paulo: Arts Poética, 1994.

AMOR a vida. *Pinterest*. [S.l.], [S.d.]. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/814236807626069960/>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

AMORIM, H. *LinkedIn*. Goiânia, [S.d.]. Disponível em: <<https://br.linkedin.com/in/helen-amorim-4519a954>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

ANTUNES, C. *Professores e Professauros*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

ANUÁRIO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO BÁSICA. *Anuário Brasileiro da Educação Básica 2019*. São Paulo: Editora Moderna, 2021.

BACICH, L; NETO, A; TREVISANI, F. *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. São Paulo: Zahar, 2021.

BEZERRA, J. Fênix. *Toda Matéria*. [S.d.]. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/fenix/>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

BIRMAN, J. *O trauma da pandemia do coronavírus*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Informes Semanais COVID-19. *Ministério da Saúde*. Brasília, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/informes-semanais-COVID-19>>. Acesso em: 5 set. 2023.

FERREIRA, V; ARCO-VERDE, Y. *Chronos e Kairós: o tempo nos tempos da escola*. Curitiba: Educar, 2001.

FRAIMAN, L. *et al. O efeito COVID-19 e a transformação da comunidade escolar*. São Paulo: FTD, 2020.

FREIRE, F. *Uma vida marcada pela educação*. São Paulo: Cortez Editora, 2023.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOLEMAN, G.; SENGE, P. *O foco triplo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

HARARI, Y. *21 lições para o século 21*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARGREAVES, A. *Os professores em tempos de mudança*. Alfragide: McGraw-Hill, 1998.

HARGREAVES, A; SHIRLEY, D. *Bem estar nas escolas: três forças que motivarão seus alunos em um mundo instável*. Porto Alegre: Penso, 2023.

HOOKS, B. Pedagogia engajada. In: HOOKS, B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 25-36.

KRAMER, S. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. São Paulo: Ática, 1994.

KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

KRENAK, A. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KROICH, P. Publicação. *Pinterest*. [S.l.], [S.d.]. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/787778159814816343/>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. Edição 167, (jun. 2021). Brasília: Le Monde Diplomatique, 2021. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/edicao/edicao-167/>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

LEVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MACEDO, E; LOPES, A. C. Cultura. In: MACEDO, E; LOPES, A. C. *Teorias de currículo*. Rio de Janeiro: Eduerj: 2011. p. 87-102.

MACEDO, M. Alfabetização como processo discursivo: as possibilidades de mediação do psicopedagogo. *Revista Educação Pública*, v. 20, n. 24, Jun., 2020.

MORIN, E. *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

NÓVOA, A. "O passado e o presente dos professores". In: NÓVOA, A. *Profissão professor*. Porto: Porto, 2020.

NÓVOA, A. *Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar*. Bahia: SEC/IAT, 2022.

NÓVOA, A. *Professores: libertar o futuro*. São Paulo: Diálogos, 2023.

NUVENS, M. Publicação. X. [S.l.], 2023. Disponível em:  
<<https://twitter.com/mahideia/status/1654516342807056384>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

INTEREST. Meu cantinho Clara Silva. [S.l.], [S.d.]. Disponível em:  
<<https://br.pinterest.com/pin/404831454001153001/>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

REVISTA EMÍLIA. Publicação. Facebook. [S.l.], 2020. Disponível em:  
<<https://www.facebook.com/revistaemilia/photos/a.2768652843218747/3234325939984766/?type=3>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

RICHERI, L. 1 minuto de silêncio por todos os professores de história que terão de explicar essa zona no futuro! *Pinterest*. [S.l.], 2019. Disponível em:  
<<https://patchworkdasideias.blogspot.com/2019/02/1-minuto-de-silencio-por-todos-os.html?spref=pi>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

RING, J. Top 5 easter movies. *Raising the Rings*. West Norfolk, 2016. Disponível em:  
<<https://raisingtherings.com/top-5-family-easter-movies/>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

ROBINSON, K; ARONICA, L. *Escolas criativas*. Porto Alegre: Penso, 2018.

SANCHES, C. *Leituras elásticas: o desafio de formar leitores no novo tempo*. Rio de Janeiro: Mapa Lab, 2021.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Coleção Os Pensadores. 1973.

SKEPTICAFRO. Publicação. X. 2019. Disponível em:  
<<https://twitter.com/skepticafro/status/1201964654181920768>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

SMOLKA, A. L. B. *A criança na fase inicial da escrita*. São Paulo: Cortez, 2013.

SMOLKA, A. L. B. Alfabetização como processo discursivo. *Glossário CEALE*. Belo Horizonte, [2014]. Disponível em:  
<<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao-como-processo-discursivo>>. Acesso em 7 mar. 2024.

SOARES, M. *Alfaetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020.

SANTOS, B. *O futuro começa agora: da pandemia à utopia*. São Paulo: Boitempo, 2021.

SANTOS, B. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

SPOTTED UFRJ. Publicação. *Facebook*. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://www.facebook.com/spottedUFRJresiste/>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

TEMPO. São Paulo, 2024. *Michaelis*. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tempo/>>. Acesso em 3 abr. 2024.

VASCONCELOS, M.; SILVA, A. (Org.) *Cartas do confinamento: ensino remoto e escritas na pandemia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

VEEN, W.; VRAKKING, B. *Homo Zappiens: Educando na era digital*. Porto Alegre, Artmed. 2009

WIKIPÉDIA. A persistência da memória. [S.l.], [S.d.]. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_Persist%C3%Aancia\\_da\\_Mem%C3%B3ria](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Persist%C3%Aancia_da_Mem%C3%B3ria)>. Acesso em: 7 mar. 2024.

ZAKARIA, F. *Dez lições para o mundo pós-pandemia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

## APÊNDICE A

### JUSTIFICATIVA DE AUSÊNCIA DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

#### PESQUISA: 'A GENTE' ERA FELIZ E NÃO SABIA... É POSSÍVEL SAIR DA ZONA DE CONFORTO DE MANEIRA ABRUPTA E AINDA DAR LUGAR A UM NOVO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DIDÁTICA?

Responsável: **Priscila Gabriel Gonçalves e Sá**

Eu, Priscila Gabriel Gonçalves e Sá, Mestranda em Educação Básica no Cap UERJ, declaro que a pesquisa de título acima não terá minha presença em instituições, pois a mesma será feita com professores de rede pública e privada, através de entrevistas em ambientes extraescolares. A pesquisa manterá o sigilo dos envolvidos. Declaro, ainda, que os professores não receberão qualquer tipo de remuneração por esta pesquisa. Asseguro que possuo a infraestrutura necessária para a realização/desenvolvimento das entrevistas da pesquisa.

A pesquisa só terá início após a apresentação do **Parecer de Aprovação por um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos**.

Rio de Janeiro, 24 de outubro de 2023.

---

Responsável pela pesquisa

Priscila Gabriel Gonçalves e Sá, priggsa@gmail.com, 21 991516985.

Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, Email: coep@sr2.uerj.br — Telefone: (021) 2334-2180. O CEP COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona as segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

## APÊNDICE B

### ENTREVISTA PARA PESQUISA QUALITATIVA

#### **Seção 1 – Apresentação da pesquisa e da pesquisadora**

TCLE

#### **Seção 2 – Dados do(a) educador(a) entrevistado(a)**

Nome

Ano que leciona em 2023

Tempo de docência

Escola em que leciona (pública ou privada)

Formação (a mais alta)

#### **Seção 3 – Conhecimentos e experiências prévias em relação aos principais temas da pesquisa**

- Qual a primeira palavra que lhe vem á mente quando pensa em “pandemia de COVID-19”?

- Qual é sua relação com a tecnologia educacional?

Usa nas aulas?

Sempre usou ou somente por conta da pandemia?

Considera necessária para a educação do século XXI? Por quê?

- Seu curso de formação contemplou tudo o que você precisa para aplicação nas aulas? O que faltou?

- Na sua opinião, atualmente há necessidade de termos um novo olhar para o papel da escola e do educador? Por quê?
- O que considera importante ser mudado na escola, para que haja mais engajamento dos educandos?

#### **Seção 4 – Experiência na pandemia**

- Como foi sua experiência nos anos de pandemia?
- Continuou trabalhando?
- O que precisou aprender?
- Como era o acesso dos alunos às aulas on-line?
- Teve ajuda de alguém?

#### **Seção 5 – Experiência no período pós-pandêmico**

- Na volta para a escola, quais foram seus principais sentimentos?
- Com relação ao conteúdo, como você encontrou a situação dos estudantes?
- As famílias dos estudantes estão diferentes em algum sentido? Qual?

#### **Seção 6 – Desafios e propostas**

- Qual seu principal desafio na profissão (de maneira bem geral)?
- Durante o período de isolamento social, qual foi a maior dificuldade enfrentada com relação ao seu trabalho/ profissão?
- Há algum ponto que você considere positivo neste momento vivido?
- O que, na sua visão, facilitaria a sua vida de professor? Explique.

#### **Seção 7 – Reflexões**

Considerando as experiências educacionais vividas na pandemia, responda.

- Algum recurso educativo começou a ser usado nas suas aulas durante a pandemia e permaneceu depois da volta presencial? Qual (quais)?
- O que não é mais usado, mas que precisou ser por algum tempo?

- O que te faz sentir “angústia” só de lembrar (considerando seu trabalho na pandemia e no período pós-pandemia)?
- Há algo que poderia estar sendo usado ainda nas aulas, mas não é mais? Por quê?
  
- Fique à vontade para pontuar algo que julgue necessário para esta pesquisa abordar.

## APÊNDICE C

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO  
RODRIGUES DA SILVEIRA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
DE ENSINO EM EDUCAÇÃO BÁSICA**



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Professora,

Na condição de estudante do Mestrado Profissional do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ) e sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Hernandez Barreiros Sonco, estou desenvolvendo um estudo sobre a educação e a pandemia de COVID-19 e seus reflexos para professores regentes de turmas de Ensino Fundamental.

Você está sendo convidada, como voluntária, a participar da pesquisa intitulada “A gente era feliz e não sabia... é possível sair da zona de conforto de maneira abrupta e ainda dar lugar a um novo processo de construção didática?”. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade da pesquisadora responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de recusa, você não será penalizada de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Priscila Gabriel Gonçalves e Sá através do telefone: 21991516985 ou através do e-mail: [priggsa@gmail.com](mailto:priggsa@gmail.com).

A presente pesquisa é motivada pelo interesse em conhecer as narrativas dos professores de escolas públicas e privadas do município do Rio de Janeiro, investigando o que dizem a respeito do período pandêmico e pós-pandêmico e seus reflexos na Educação.

Pretende-se, com a pesquisa, verificar pontos positivos e negativos tidos como consequência da COVID-19 em nossas escolas, visando o fortalecimento do papel do professor mediador e a necessidade de reinvenção das metodologias educacionais que acompanhem o tempo. Para a coleta de dados será utilizada uma entrevista oral e a análise dos dados pautada na Análise do Conteúdo.

Rubrica da pesquisadora: \_\_\_\_\_

Rubrica da participante: \_\_\_\_\_

O questionário a ser utilizado na pesquisa possui grau mínimo de risco, referente à confidencialidade, mas, para minimizar, garanto a confidencialidade. Os dados obtidos serão utilizados para fins científicos, como publicações e escrita da dissertação e evitarão informações que identifiquem os sujeitos. Como a pesquisa aborda um estudo observacional sobre o período de pandemia, pode haver risco de origem psicológica, no momento em que os participantes precisarem lembrar de alguns fatos tristes e traumáticos. Para isso, a abordagem será de cunho acolhedor, respeitando sempre o tempo de cada um.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar – Maracanã – Rio de Janeiro – RJ, e-mail: coep@sr2.uerj.br, telefone (021) 2334-2180. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade. O COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona às segundas, quartas e sextas, de 10h às 12h e de 14h às 16h. Se desejar, consulte ainda a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP): conep@saude.gov.br.

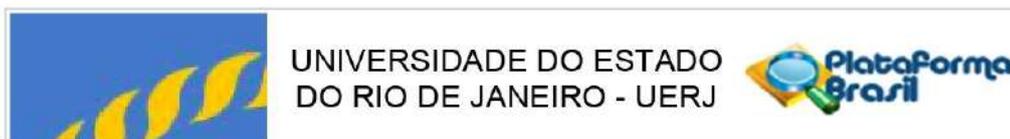
Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu, \_\_\_\_\_, documento de identidade ou CPF nº \_\_\_\_\_ estou de acordo em participar da pesquisa intitulada “A gente era feliz e não sabia...é possível sair da zona de conforto de maneira abrupta e ainda dar lugar a um novo processo de construção didática?”, de forma livre e espontânea, podendo retirar meu consentimento a qualquer momento.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

Assinatura da responsável pela pesquisa \_\_\_\_\_

Assinatura da participante \_\_\_\_\_

## APÊNDICE D



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** 'A GENTE' ERA FELIZ E NÃO SABIA... É POSSÍVEL SAIR DA ZONA DE CONFORTO DE MANEIRA ABRUPTA E AINDA DAR LUGAR A UM NOVO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DIDÁTICA?

**Pesquisador:** PRISCILA GABRIEL GONCALVES E SA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 75426523.9.0000.5282

**Instituição Proponente:** Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.565.344

#### Apresentação do Projeto:

Este trabalho justifica-se pela necessidade de se investigar os efeitos da pandemia no mundo educacional e os desafios enfrentados pelos sujeitos atuantes em escolas com diferentes realidades. O estudo trará uma reflexão do contexto educacional pré-pandêmico, para abordar, comparativamente, o período pós-pandêmico, entendendo como se deu a vivência de um período complicado em questões sociais, emocionais, pessoais e profissionais em todos os âmbitos da sociedade brasileira.

A pesquisa terá cunho qualitativo e a coleta de dados será feita através de entrevistas orientadas por um questionário semiestruturado. O público alvo será composto por 10 professores de turmas de quarto e quinto ano do ensino fundamental, que atuem em escolas públicas e/ou privadas no município do Rio de Janeiro.

#### Objetivo da Pesquisa:

Investigar os efeitos da pandemia no mundo educacional, visando estudar diversos aspectos, como a questão profissional – professor mediador – e o processo de ensino-aprendizagem como um todo.

#### Objetivo Secundário:

Observar os desafios enfrentados pelos sujeitos atuantes em escolas de diferentes realidades e

**Endereço:** Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018  
**Bairro:** Maracanã **CEP:** 20.559-900  
**UF:** RJ **Município:** RIO DE JANEIRO  
**Telefone:** (21)2334-2180 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** coep@sr2.uerj.br